

# E assim se passaram 20 anos:

*Milton Santos, 24 de Junho 2001-2021*



Paulo Celso da Silva



**PROVOCARE**  
editora

E assim se passaram 20 anos

**E assim se passaram 20 anos:**  
*Milton Santos, 24 de Junho 2001-2021*



Paulo Celso da Silva

E assim se passaram 20 anos

Paulo Celso da Silva

**E assim se passaram 20 anos:**  
*Milton Santos, 24 de Junho 2001-2021*



**PROVOCARE**  
editora

Paulo Celso da Silva

*E assim se passaram 20 anos:*  
*Milton Santos, 24 de Junho 2001-2021*

© do texto: Paulo Celso da Silva, 2021  
© da edição: Jogo de Palavras & Provocare, 2021

Edição (Jogo de Palavras): João Paulo Hergesel  
Edição (Provocare): Míriam Cristina Carlos Silva  
Revisão textual: Isabella Pichigueli  
Diagramação de capa e miolo: Puta Texto Bom —  
[www.putatextobom.com.br](http://www.putatextobom.com.br)  
Créditos das imagens de capa: Felipe Cidade, Pixabay.com

Todos os direitos desta edição são reservados a:  
Editora Jogo de Palavras | CNPJ: 15.042.985/0001-95  
Provocare Editora | CNPJ: 08.739.793/0001-77

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

S586a	Silva, Paulo Celso da
	Assim se passaram 20 anos.. Milton Santos, 24 de junho – 2001-2021 / Paulo Celso da Silva. - Alumínio : Jogo de Palavras ; Votorantim : Provocare Editora, 2021.
	132 p. ; 14cm x 21cm.
	ISBN: 978-65-87397-26-9
	1. Ciências Sociais. 2. Geografia da Comunicação. 3. Milton Santos. I. Título.
	CDD 300 CDU 3
2021-1616	

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Ciências Sociais 300
2. Ciências Sociais 3

E assim se passaram 20 anos

### **CONSELHO EDITORIAL**

Antonio Carlos Hohlfeldt (PUC-RS)

Arquimedes Pessoni (USCS)

Jorge Miklos (UNIP)

José Eugenio de Oliveira Menezes (FCL)

Paulo Celso da Silva (Uniso)

Rogério Ferraraz (UAM)

Valdenise Leziér Martyniuk (PUC-SP)

Paulo Celso da Silva

## Apresentação

### ***Elegância como autenticidade*** ***Milton Santos na Comunicação***

Há muito esperava (e cobrava) este livro. E ele chega nos 20 anos da morte de Milton Santos. Incrível falar de morte com um pensamento tão vivo como é o do geógrafo professor. Impregnada de Brasil, a obra de Milton Santos reverbera porque segue nos apresentando o país a partir de lugares e em muitas escalas — nessas, sempre a escala humana, a do indivíduo e dos grupos, no contexto dos lugares, das regiões, da sociedade. As pessoas no território e o seu uso do território.

Tudo tem o seu momento. Este livro de Paulo Celso Silva, um geógrafo que também é filósofo e estudioso dos vínculos da Geografia com a Comunicação, chega para as homenagens a Milton Santos em uma versão ampliada do relatório de pós-doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Geralmente não esquecemos as nossas primeiras experiências e este é o caso do trabalho de pós-doutoramento de Paulo Celso que tive a honra e o prazer de acompanhar entre 2012-2013 no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ. A vida acadêmica precisa de intelectuais que se dispõem a alargar conceitos, trabalhar ideias, resgatar memórias, manter sempre presente o pensamento de ícones (Milton Santos certamente acharia esse termo um exagero) que reforçam as disciplinas, interdisciplinares e determinantes para o campo da comunicação, neste caso o pensamento geográfico-comunicacional.

Ideias em estado latente ficam muitas vezes alojadas em nós antes de serem percebidas. Mesmo que não consiga determinar o momento exato em que os escritos de Milton Santos passaram a integrar o conjunto de leituras pessoais, aquelas que fazemos por gosto, foi determinante a sua presença na UERJ para um seminário no final dos anos 1990 sobre políticas sociais para a saúde, quando abordou o tema Ethos Público e Privado. Nada mais atual. O ano era 1997, o mesmo da publica-



ção da terceira edição de Técnica, Espaço, Tempo pela Editora Hucitec (São Paulo). Um livro pequeno no tamanho (10,5 cm X 17,5 cm) mas exponencial no conteúdo sobre globalização e meio técnico-científico informacional. Uma bússola para para quem estuda o campo da comunicação/do jornalismo. Dentro desse livro ficaram, e estão, guardados dois impressos: o resumo da sua fala no seminário de 1997 e o recorte do jornal O Globo com o registro da sua morte em 24 de junho de 2001.

Há 24 anos o livro com os recortes me acompanham. A passagem do tempo está visível nas páginas marcadas pelas consultas frequentes, nas anotações que servem de pistas, uma espécie de roteiro permanente de aprendizagem: a geografia pelos olhos de Milton Santos. São também indicativos do uso das leituras em diversos momentos, das referências do professor geógrafo que ajudaram a montar ao longo dos anos um campo de estudo unindo a geografia e a comunicação.

As ideias ainda não manifestas em 1997 estiveram na base da criação coletiva em 2009 do grupo de pesquisa Geografias da Comunicação na Intercom, que Paulo Celso acompanhou desde o início, o geógrafo junto aos pesquisadores da comunicação. A prática da interdisciplinaridade como defendia Milton Santos.

Este volume dialoga com a experiência e as trocas acumuladas no Brasil e no exterior pelo autor, é parte de uma trajetória consistente de pesquisa. O percurso pode ser conferido, para citar apenas um exemplo, no quadro que resume e situa, com a ajuda de Nogué Font e San Eugenio (2009), os períodos, as teorias da Geografia, as teorias da Comunicação e os conceitos predominantes e compartilhados, completados pelos lugares de vida e as fases da produção intelectual de Milton Santos. A bibliografia e sua distribuição nas referências é primorosa.

Em resumo, um livro muito bem-vindo, de grande valor para geógrafos, jornalistas, comunicadores, professores e alunos de várias disciplinas. Contribui para a compreensão do Brasil, sua sociedade e seu território.

Para terminar, e porque tem estreita ligação com o trabalho elegante de Paulo Celso, um trecho do discurso de Milton Santos ao receber o título de professor emérito da USP:

E assim se passaram 20 anos

Hoje, conhecer o mundo só é possível se em cada continente, em cada cultura, exercermos esse trabalho de conhecimento do mundo e nos reunirmos depois para cotejar os achados e produzir a síntese. Ora, está terminando o tempo das elegâncias de papel carbono, de elegâncias não-autênticas, que devem ser rapidamente substituídas por elegâncias fundamentadas na geografia e na cultura. Assim alcançaremos uma interpretação adequada do mundo e uma elegância como autenticidade e não como cópia [Milton Santos, Revista Adusp, outubro 1997, p. 20].

*Sonia Virginia Moreira*  
*Rio de janeiro, outono de 2021*



## Milton Santos na Geografia da Comunicação

*“Em 1949... Comecei a colaborar em caráter efetivo na ‘A tarde’, jornal de Salvador, assinando a crônica ‘Bilhetes de Ilhéus’. Desde 1951 colaboro, em caráter efetivo, no ‘Diário da Tarde’ de Ilhéus onde me responsabilizo pela secção opinativa do jornal. Sou, também, advogado militante em Ilhéus”.*

**Milton Santos**

### INTRODUÇÃO

Viva a geografia! Assim Milton Santos, em 2000, terminou uma mesa redonda na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Como Carles Carreras i Verdaguer (2001) afirmou, Milton Santos era um militante das ideias, mas, sobretudo, foi um militante da Geografia. E dessa militância ficou uma obra composta de dezenas de livros, inúmeros artigos publicados em revistas científicas, artigos publicados em jornais, entrevistas escritas e televisivas, documentários, referência para obras teatrais, coreografias etc. Nos seus 75 anos de vida, ele recebeu diversos prêmios por sua carreira intelectual sem, contudo, perder a rebeldia e a liberdade.

Tinha por princípio não participar em nenhuma categoria de movimento, agremiação ou credo, mas, para retomar uma palavra já citada antes e que cabe perfeitamente aqui, era um militante da cidadania. Um intelectual preocupado com o homem e com o futuro do homem no planeta. Com a igualdade entre todos os homens, buscando uma consciência universal, no momento em que a globalização se instaura como consciência única.

Mais que apologias, Milton Santos buscava o diálogo interdisciplinar, mas de maneira criteriosa. Esse diálogo é possível com a comunicação social em suas diversas subáreas de estudo. É o próprio Santos (2007, p. 177) quem indica que

a interdisciplinaridade não se produz a partir das disciplinas. Ela se produz a partir das metadisciplinas. Eu converso com os outros colegas a partir da minha filosofia e da deles. Mas não da minha disciplina.

Ou seja, sua produção incita o debate e a reflexão de uma variedade temática que os meios de comunicação ajudam a construir no seu dia a dia, a saber, as noções de espaço, de cidadania, território, entre outras. Entende-se essa importância formadora de “noção” como uma operação ou ato cognitivo, portanto, cumpridora de um papel social no fazer midiático, uma vez que nem tudo será notícia repercutida e nem mesmo prioritária. Da produção à reprodução da notícia, estamos imersos em um subespaço, o espaço midiático.

Em um momento dos anos 1970, Milton Santos (1990, p. 91) afirmou que a geografia estava em crise e ela havia se tornado “viúva do espaço”, porque os geógrafos haviam deixado de abordar o espaço em suas análises. Denunciava que muito se falava em geografia e nada sobre o objeto da disciplina, o espaço. A consequência foi que “destemporizando o espaço e desumanizando-o, a geografia acabou dando as costas ao seu objeto... E nos dias de hoje podemos dizer que há muitas geografias, mas nenhuma geografia” (SANTOS, 1990, p. 92).

Pior ainda, a geografia passou a servir a coisas e empresas e não mais ao homem, em um claro caminho de reificação, mais “preocupado com o mundo dos negócios do que com o interesse social” (SANTOS, 1990, p. 92).

Essa preocupação teórico-metodológica acompanhou Milton Santos em toda a sua trajetória, com mais ênfase após o retorno ao Brasil e a descoberta da emoção como caminho possível para a (re)construção do pensamento. Lembramos bem quando, em 1992, criamos um informativo chamado *Geografia Graviúva do Espaço*, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Tatuí/SP, para o curso de licenciatura em Geografia e História. Partindo do próprio Santos, jogávamos com as palavras viúva e grávida, indicando pares dialéticos como vida-morte, nascer-morrer, ganho-perda etc. para o fazer geográfico. Uma geografia informativa e noticiosa da própria geografia

feita naquela cidade do interior paulista.

Aqui apresentaremos a relação geografia-comunicação, sempre escorados nas teorias propostas por Santos em suas obras. Começamos com *Marianne em Preto e Branco*, de 1960, que não é a primeira obra de Santos (1960), mas é aquela na qual o jornalista e o geógrafo dialogam sem preocupação outra que não seja com o aprendizado e a análise de realidades novas. Experiências que se mesclam à brasilidade – talvez baianidade fosse mais ao seu gosto –, porém globalidade será a marca de seu reconhecimento, um cidadão do mundo.

Passamos pela obra, a qual consideramos um tratado de geografia humana, *A natureza do Espaço*, em que a busca por categorias analíticas se soma a próprio espaço como categoria filosófica para a compreensão do mundo contemporâneo. Apresentamos um quadro como oportunidade para que comunicação e geografia sejam postas lado a lado, demonstrando que compartilhem conceitos e metodologia. Desse quadro sinóptico, é possível a divisão metodológica da obra de Santos:

Período da produção pré-exílio, uma geografia descritiva, de 1948 a 1965;

Período do exílio, a caminho de uma geografia brasileira, de 1965 a 1978;

Período da geografia crítica, que podemos dividir em:

1. fase – a questão do espaço, de 1978 a 1986;

2. fase – o período técnico-científico-informacional, de 1996 a 2000;

3. fase – o território usado, de 2000 a 2001.

Ainda que já tenhamos essa divisão, que se mostra satisfatória, optamos, agora, por uma abordagem menos linear, indo e vindo conforme a necessidade da demonstração teórica que fazemos.

Conceitos geocomunicacionais são apresentados e trabalhados para localizar o leitor nos dois domínios (geografia e comunicação). Devemos ressaltar, entretanto, que a pós-modernidade não era uma preocupação de Santos, mais interessado na caracterização do momento do que na denominação

que a moda oferecia.

Lançamos mão do documentário Encontro com *Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá*, de Silvio Tandler, por ser o último registro cinematográfico de Santos e nele estar visível sua vontade de viver, sua persistência no homem. Outra recordação que nos vem aconteceu na sua sala no departamento de Geografia Humana da USP. Quando perguntado sobre o motivo de ministrar aulas de terno, ele respondeu: “porque eu os tenho!”. No documentário, ele aparece solto, em uma camisa colorida, demonstrando felicidade, nunca dor.

Também valemo-nos de depoimentos, em entrevistas, com diversos intelectuais, que contribuíram com suas impressões sobre a obra de Santos, reforçando o seu papel interdisciplinar. Assim, as entrevistas abrangeram geógrafos, sociólogos, urbanistas, comunicólogos (inter)nacionais. Lançamos mão, também, de obras, publicadas quando da homenagem de 70 anos de Milton Santos e obras póstumas, organizadas para divulgar seu pensamento ou para homenageá-lo, como é o caso de *10 anos sem Milton Santos*, organizado por Maria Auxiliadora da Silva (2011). Tais entrevistas permitiram refletir sobre nosso geógrafo e pensar novos temas para futuras produções, como ocorreu com a fenomenologia e a questão da emoção proposta por Santos em debate com Denise Stoklos. Ambos deixam claro o papel da emoção, libertando-nos dos limites e das limitações da ciência.

Na conclusão, mantivemos as perguntas, ainda sem respostas geocomunicacionais, pois são indicativas que o legado teórico de Santos está mais vivo do que nunca para oferecer possibilidades à compreensão do cotidiano e a afirmação de que “Toda teoria é revolucionária” (SANTOS 1990).

Vale destacar ao leitor que este livro resulta de uma pesquisa apoiada pela FAPESP (PROCESSO 2011/10805-0) e, principalmente, de um estágio pós-doutoral na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2012, orientado e acompanhado da Profa. Dra. Sonia Virginia Moreira, para quem faço um agradecimento especial, pela amizade, dedicação e todo ensinamento que me foi transmitido, além de grande motivadora pela publicação desse estudo. Partes destas reflexões

E assim se passaram 20 anos

foram apresentadas nos congressos e em publicações da INTERCOM (2013, 2015, 2018) e agradeço às companheiras e companheiros do GP Geografias da Comunicação pela possibilidade de conhecê-las/los e, a cada ano, dialogar com as intersecções das duas áreas que nos unem.

No ano em que se completam 20 anos sem Milton Santos, indicar, analisar, refletir acerca dos seus ensinamentos nos faz reconhecer-lhe como o grande mestre que foi e sempre será.

Em 1991, iniciando o meu mestrado na Universidade de São Paulo, com muita cerimônia criei coragem e pedi ao Prof. Dr. Milton Santos um autógrafo no livro que acabara de comprar. Ele abriu o seu sorriso e agradeceu o meu pedido.



Figura 1 - Dedicatória de Milton Santos em 1991 no livro pessoal do autor.

E eu compreendi.



## Um começo em preto e branco

A trajetória intelectual de Milton Santos perpassa o jornalismo, o direito e mergulha na geografia buscando compreender como é possível analisar o Terceiro Mundo, conceito e práticas capitalistas de um momento da história do século XX no qual uma gama de nações subdesenvolvidas eram assim consideradas, independentemente de sua formação, história, cultura. O ponto que unia estas nações era estarem “atrasadas” com relação à metrópole, nesse caso, EUA e Europa.

É fora do Brasil que Milton Santos, já um acadêmico formado, encontra seu Brasil. Encontra o Brasil. Experiência estrangeira, exílio para sobreviver, pois, sai de Salvador, onde estava preso e com problemas de saúde, para a Europa, que já havia visitado e experienciado com Tricard, seu “tutor” e amigo, e rendera uma obra-diário de viagem intitulada *Marianne em Preto e Branco*, lançada originalmente em 1960, na qual relata e analisa sua viagem pela França (a Marianne em Branco) e depois a África (a Marianne em Preto).

Nessa obra, que não é a primeira, podemos reconhecer o viajante e o intelectual, que se superam para indicar ao leitor os continentes e suas especificidades. As várias cores dos continentes contrastavam com o monocromatismo da teoria e das ciências sociais e humanas que apenas entendiam o mundo partindo de um centro, às vezes Europa e depois EUA.

Ainda assim, em Marianne, o autor utiliza uma abordagem considerada tradicional na geografia, partindo da noção de gênero de vida, da geografia regional francesa. Esta entende a vida como um conjunto de atividades e peculiaridades de um grupo social sempre articulado pelo costume, por sua história, expressando as formas de adaptação ao ambiente geográfico. Assim, a relação homem-meio geográfico é fundamental para o entendimento dos diversos estágios em que as diferentes sociedades se encontravam. A unidade geográfica onde isso fica evidente é a região, com seus fenômenos distintivos e a pai-

sagem será a Forma como esses fenômenos se apresentam ao homem.

Contudo, tal análise guarda contradições inerentes ao seu modelo de análise, sendo a dicotomia homem-natureza a mais evidente delas. Outra consequência é que, ao considerar a região e suas especificidades, perde-se a totalidade entre essas unidades geográficas. No limite, o gênero de vida implica em reconhecer o desenvolvimento europeu por meio de vários estudos (as monografias regionais) em detrimento ao pouco conhecimento sobre o que se passava nos países subdesenvolvidos. Também, já no pós-segunda guerra na Europa, não dava conta dos novos fluxos de circulação de pessoas e informação, assim como dos novos modelos de consumo e produção baseados na massificação em que “todos” tinham o mesmo lazer, o mesmo consumo e buscavam os mesmos padrões de status social.

A obra, *Marianne em Preto e Branco*, se não marca uma virada no pensamento, ao menos mostra a gestação de um intelectual que consegue ter *insights*, momento que o próprio Santos (SILVA, 2002) afirma:

a herança francesa é muito forte, embora eu tente me libertar dela até com certa brutalidade. Mas ela é responsável por um estilo independente que aprendi com Sartre, distante de toda forma de militância, exceto a das ideias.

Ainda com relação ao *Marianne*, o autor lembra que o texto seria considerado “empolado e prolixo” para os jornalistas, mas “leve” para os geógrafos, lembrando labutar nos dois domínios. Estilos a parte, o que importa aqui é o reconhecimento da diferença e da metodologia de análise, também de uma consciência sócio-espacial que será a marca da renovação teórica de Santos. Conforme indica Maria Adélia Aparecida Souza (2010, p. 21) na introdução da segunda edição do livro, *Marianne em Preto e Branco* simboliza, sim, duas paixões de Milton Santos: a África e a Europa, determinantes na sua formação intelectual... Trata-se de uma belíssima inspiração de um bom jornalista, à época ainda aprendiz ainda de geógrafo.

## Milton Santos e a comunicação

Em toda a sua carreira, Milton Santos possui uma considerável produção intelectual, seja pela publicação de seus 50 livros, iniciada em 1948 com *Povoamento da Bahia*: suas causas econômicas; seus vários artigos publicados na *Folha de S. Paulo* e posteriormente lançados no livro *O País Distorcido*; assim como sua produção jornalística, composta de mais de uma centena de artigos, no jornal *A Tarde*, compreendendo os anos de 1952 a 1962, majoritariamente,

“[...] e trata de assuntos extremamente variados, entre os quais podem-se destacar aqueles ligados à região do Cacau, à cidade de Salvador e às experiências em viagens à África, Europa e Cuba.” (SILVA; SILVA, 2004, p. 159).

Apesar do caráter jornalístico, ele ainda ofereceu aos leitores reflexões acadêmicos, como o método e o ensino da geografia, por exemplo.

Suas proposições acerca do espaço podem ser estendidas para outras mídias reprodutoras de notícias, fatos e ainda a decodificação delas em redes sociais, como *Twitter* e *Facebook*, para ficar em duas conhecidas ferramentas, *retweet* e *share*, respectivamente. Isso amplia ainda mais a difusão e nos remete ao espaço que Santos entende, em um primeiro momento, como um

[...] conjunto de fixos e fluxos (Santos, 1978). Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (SANTOS, 1982, p. 53; SANTOS, 1988, p. 75-85).

Porém, avançando a reflexão, propõe:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável do qual participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro lado, a vida que os anima ou aquilo que lhes dá vida” (SANTOS, 1988, p. 16).

Isto é a sociedade em movimento. Assim, a vida que os anima são as ações. Alguns anos mais tarde, ele entende espaço como um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 1996, p. 39) e, no lugar dos fixos e fluxos, passa a pesquisar as redes, os sistemas técnicos, o meio técnico-científico-informacional, ou seja, o contemporâneo e suas relações com a comunicação são objetos, mas também formas de fazer e de regular a sociedade.

Assim, compreender como a área da comunicação se apropria e circula os conceitos, categorias e noções de Santos pode contribuir para o avanço na construção da metadisciplina, antes citada. Também auxilia no entendimento de como Santos soube apropriar-se dos meios de comunicação para divulgar suas ideias em uma relação dialética.

Em uma tentativa de aproximação teórico-metodológica entre a geografia e a teoria da comunicação, Nogué Font e San Eugenio (2009, p. 41) nos oferecem um interessante panorama comparativo do desenvolvimento da epistemologia dessas áreas do conhecimento. Destacam os autores que

Definitivamente, o espaço teve e segue tendo uma grande relevância na teoria da comunicação, apesar de não existir... verdadeira intenção de explorar dito conceito em estreita colaboração com a tradição geográfica, algo parecido com o que aconteceu com o conceito de paisagem, cada vez mais relevante na teoria da comunicação (NOGUÉ FONT; SAN EUGENIO, 2009, p. 43, tradução nossa)<sup>1</sup>.

Os dois autores fazem a análise do conceito de paisagem, como a paisagem pode comunicar e oferecem um panorama que vai desde os usos que a propaganda e o marketing

fazem do conceito chegando a oferecer um modelo de análise comunicativa da paisagem.

Com base nesses estudos, podemos indicar também que, a obra de Milton Santos oferece possibilidades de ser investigada partindo dos estudos da comunicação. A divisão metodológica escolhida, a partir da análise das obras de Santos, pode assim ser dividida:

Período da produção pré-exílio, uma geografia descritiva, de 1948 a 1965;

Período do exílio, a caminho de uma geografia brasileira, de 1965 a 1978;

Período da geografia crítica, que podemos dividir em:

1. fase – a questão do espaço, de 1978 a 1986;
2. fase – o período técnico-científico-informacional, de 1996 a 2000;
3. fase – o território usado, de 2000 a 2001.

Essa opção vai ao encontro às propostas feitas pelo próprio autor em várias obras, como *Espaço e Método* (1985), por exemplo, quando insistia que “cada sistema temporal coincide com um período histórico. A sucessão de sistemas coincide com a das modernizações” (SANTOS, 1985, p. 23). Aqui, também, entendemos que esses períodos sejam capazes de explicar a evolução do pensamento de Santos, assim como indicar suas analogias com aquilo que estava sendo desenvolvido pela comunicação.

Se cruzarmos os dados da tabela de Nogué Font e San Eugenio (2009) com nossa periodização, teremos a seguinte configuração:

E assim se passaram 20 anos

Época	Teoria da geografia	Teoria da Comunicação	Conceitos predominantes e compartilhados	Milton Santos
1940-1960	Geografia Teórico-quantitativa ou <i>New Geography</i>	Perspectiva funcionalista da comunicação	Paradigma quantitativo e positivista	período da produção pré-exílio, uma geografia descritiva, de 1948 a 1965; produção jornalística na Bahia
Décadas de 1960 e 1970	Geografia Radical	Perspectiva crítica da comunicação	Ruptura com as etapas positivistas anteriores, interesse por metodologias compreensivas da realidade	Período do exílio, a caminho de uma geografia brasileira, de 1965 a 1978
Décadas de 1960 e 1970	Geografia da Percepção e do comportamento ambiental	Perspectiva interpretativa da comunicação: construtivismo, Escola de Palo Alto, interacionismo simbólico	Processos de construção de significados por parte da sociedade	período do exílio, a caminho de uma geografia brasileira, de 1965 a 1978

A partir de 1978 – 1979	Geografia Humanística	Perspectiva interpretativa da comunicação: continuidade das sociologias interpretativas	Busca da dimensão simbólica. Estudo dos processos de vivência experimental	Período da geografia crítica: 1ª fase – a questão do espaço – 1978 – 1986
Finais da década de 1980 até 2002	Pós-modernismo em geografia	Perspectiva interpretativa da comunicação	Resulta insustentável qualquer pretensão de saber uma realidade objetiva (Paul Watzlawick, 1986). Decaída das verdades absolutas. Posicionamentos ecléticos e efêmeros.	2ª fase: o período técnico-científico-informacional, de 1996 a 2000 e 3ª fase – O território usado, de 2000 a 2002; produção jornalística em São Paulo

Tabela adaptada de Nogué Font e San Eugenio (2009, p. 41).

Isso nos permite analisar a obra de Santos em seus respectivos períodos, seus diferentes enfoques conceituais e ideológicos, os diferentes meios de comunicação em que ele vai ocupando espaços para falar dos temas “geográficos comunicacionais”, como a globalização, as novas tecnologias da comunicação, a comunicação interpessoal, a influência dos meios na sociedade do início do século XXI.

Evidentemente que esses períodos, divididos bem ao modelo de Santos, não são lineares. Nossa divisão tem apenas um caráter didático para demonstrar como a obra foi evoluindo com as novas experiências e entendimento da transformação do mundo.

## Em busca de uma cartografia geocomunicacional

“La buena Comunicación depende en tener buen corazón”

**Lama Zopa Rinpoche**

Entre os anos 1940 e 1960, aproximadamente, tanto a geografia quanto a comunicação muniram-se do aparato teórico-metodológico do positivismo, entendendo que os paradigmas quantitativos seriam ideais e confiáveis para responder a uma realidade de guerra e pós-guerra, além da reconstrução da Europa. Em ambos os campos, as características inerentes às pesquisas da época são o “poder explicativo, o poder preditivo, consistência lógica, a capacidade de falsificação e a capacidade de organização” (RODRIGO ALSINA, 2001, p. 186-7), o que se busca com isso é a garantia do equilíbrio e da função (entendido que cada parte exerce determinada função, tendo o corpo humano e seus órgãos como modelo). O problema maior é a fragmentação da

análise do comunicador, a pesquisa da mensagem, o estudo do canal, a análise da audiência e a investigação dos efeitos constituem as gavetas temáticas sobre as quais se configura a evolução esquartejada da pesquisa comunicacional (FARRÉ COMA, 2005, p. 39).

Conforme Gómez Lende (2007, p. 243, tradução nossa), o projeto da geografia moderna foi o

bastião do positivismo clássico e das leis do naturalismo do século XIX, seria reestruturado pela revolução quantitativa dos anos 1950, quando as disciplinas humanas em geral e a história em particular foram desacreditadas como ciências pelo paradigma epistemológico dominante. Nesse contexto, emergiria uma geografia pragmática que, longe de



criticar seus fundamentos e bases sociais de apoio, apenas atacaria a insuficiência da análise regional e o caráter não prático da geografia tradicional, derrubando o empirismo da observação direta para um empirismo abstrato, vinculado a dados filtrados por estatísticas. Ao complexificar a linguagem e as técnicas utilizadas, o nível de concretude do pensamento geográfico empobreceu à medida que seu discurso se sofisticou (Moraes, 1992). O espaço tornou-se uma entidade isomórfica, abstrata, homogênea e isotrópica, enquanto os modelos e padrões - baseados na isonomia, homogeneidade, interação, hierarquia, correlação, uniformidade espacial e funcionalidade econômica - confundiam a realidade do modelo com o modelo da realidade. A região da geografia era a região banal; isto é, o substrato físico no qual os fenômenos econômicos aconteciam.

As décadas seguintes, 1960 e 1970, veem emergir um pensamento crítico, uma perspectiva a partir do entendimento do capitalismo que possibilitou reflexões sobre Indústria Cultural e sociedade de massas de cunho marxista, tendo como objeto de estudo a sociedade industrial avançada dos países desenvolvidos, em especial os EUA. Os meios de comunicação, nessa perspectiva, primeiro foram vistos como revolucionários para, na sequência, contudo, ao verificar o uso político do rádio, cinema, televisão, vídeo etc., serem lidos com pessimismo, pois foram vistos como instrumentos de manipulação das massas. Serviriam como controle social e, de certa forma, como um obstáculo às mudanças sociais. Sem contar o fato da cultura de massa ser considerada vulgar e menor no âmbito social. Do lado da audiência, esta era considerada homogênea, as mensagens uniformes e a ética baseada no êxito (RODRIGO ALSINA, 2001, p. 195-201).

Na geografia o caminho da renovação do pensamento também recorre aos autores de Frankfurt, engajados nos acontecimentos mundiais como maio de 1968 na França, a Guerra do Vietnã, o feminismo, o movimento ecologista, as drogas.

Ela [a Geografia] se alimentou de muito do que já havia sido feito anteriormente, tanto por parte de

alguns poucos geógrafos quanto por outras correntes de pensamento que podem ser classificadas como críticas. Desde o seu nascedouro, a Geografia crítica encetou um diálogo com a Teoria crítica (isto é, com os pensadores da Escola de Frankfurt), com o anarquismo (Réclus, Kropotkin), com Michel Foucault, com Marx e os marxismos (em particular os não dogmáticos, tal como Gramsci, que foi um dos raros marxistas a valorizar a questão territorial), com os pós-modernistas e inúmeros outras escolas de pensamento inovadoras (VESENTINI, s.d., s.p.).

A obra de Santos que introduz a geografia crítica é *Por uma geografia nova*, tendo como objeto da disciplina o espaço social enquanto categoria de compreensão da realidade e que, na sociedade industrial, “produzir é produzir espaço”. Conforme Moraes (2006, p. 115), é a “proposta de Milton Santos, uma das mais amplas e acabadas da Geografia Crítica”.

Assim como a Escola de Frankfurt e seus desdobramentos em várias áreas do conhecimento não são homogêneos, mas com ocasiões em que convivem diversas frentes e tendências, com a Geografia Crítica ocorre o mesmo, congregando opções metodológicas que abrangem desde marxistas até fenomenologistas e ecléticos.

Contudo, Vesentini (s.d., s.p.) chama a atenção para o fato que Santos esteve presente em vários veículos de comunicação importantes na formação da opinião pública Brasileira:

inegável a importância que Milton Santos teve na difusão, através da mídia, da geocrítica brasileira. Ele foi o único geógrafo a sair nas páginas amarelas da revista *Veja*, a ser longamente entrevistado em praticamente todos os programas importantes da televisão e também em todos os principais jornais e revistas do país, a escrever periodicamente colunas na página 3 do jornal *Folha de S. Paulo* etc. Ao seu redor criou-se um grupo com ramificações em todo o território nacional (e até no exterior – por exemplo, na Argentina) que constantemente o promovia.

Ainda assim, o mesmo Vesentini (s.d., s.p.) indica que nem tudo nessa exposição nas mídias foi positivo para o de-

envolvimento do pensamento geográfico. Santos e a geocrítica se metamorfosearam no imaginário – e no entendimento – do público:

Enfim, a partir dos anos 1990 pouco a pouco a figura de Santos e a geocrítica brasileira passaram a se confundir a nível da mídia. Isso nunca ocorreu no plano da realidade – das pesquisas, das teses e das obras publicadas – e muito menos na consciência da maior parte dos geógrafos, em especial do professorado. Mas sem dúvida que ocorreu na mídia e, conseqüentemente, na compreensão de boa parte do público e até dos profissionais de outras áreas. Eu mesmo há uns dois ou três anos ouvi uma pergunta-afirmação, feita por um jornalista que fazia doutorado na USP e lecionava no departamento de jornalismo de uma universidade federal (num estado sulino), se foi depois e devido ao Milton Santos que a geografia deixou de ser uma disciplina descritiva e voltada para a memorização de nomes de capitais ou de rios... E mais recentemente, há poucas semanas, um professor universitário de geografia de um país latino-americano me enviou um e-mail solicitando ajuda no levantamento das obras de Santos (e apenas dele) para que ele pudesse escrever um artigo sobre a “história da geografia crítica no Brasil”. Resta apenas avaliar se essa identificação da geocrítica brasileira com a figura do Milton Santos, operada pela mídia, foi positiva ou negativa. Talvez tenha sido positiva na medida em que contribuiu para ampliar o espaço da geografia nos meios de comunicação de massas. Mas talvez tenha sido negativa na medida em que obliterou outras falas, outros caminhos e alternativas diferenciadas, sugerindo uma homogeneidade onde sempre houve pluralidade e uma rica complexidade.

As conclusões de Vesentini (s.d.) adiantam um pouco a temporalidade de nossa cartografia, mas, ainda assim, são importantes para mensurarmos que, assim como as demais teorias e posicionamentos, o de Santos não era consenso (o que é ótimo!) no meio geográfico, como pode ter transparecido nas mídias.

Voltando à tabela, a última fase ou momento é marca-

do pelo pensamento pós-moderno. O termo surge na Espanha na década de 1930 usado por Federico de Onís para “descrever um refluxo conservador dentro do próprio modernismo: a busca de refúgio contra o seu formidável desafio lírico num perfeccionismo do detalhe e do humor irônico” (ANDERSON, 1999, p. 10). Ele imaginava que seria passageiro e que o ultramodernismo, como sequela, levaria a experimentos mais radicais nas vanguardas artísticas. Mas o conceito não teve maiores consequências em seu uso sócio-científico e retorna, com força, nos anos 1980.

Longe de uma definição única, esse momento tem várias denominações: condição pós-moderna (Lyotard e Harvey); Modernidade Líquida (Bauman); Hipermodernidade (Lipovetsky); Alta Modernidade (Giddens); como um conceito que guarda tendências políticas e culturais neoconservadoras, determinadas a combater os ideais iluministas (Habermas); a lógica cultural do capitalismo tardio (Jameson), todas elas com grande entrada e aceitação no meio acadêmico.

Recorrendo a Ciro Marcondes Filho (2003, p. 02),

Não há e nunca houve um pós-moderno, a não ser na fantasia daqueles que, ávidos de um novo “ismo”, buscavam encontrar algo para substituir o vazio intelectual que nos assolou nos anos 90. Que tenha havido um “estilo” pós-moderno na arquitetura, na arte, na literatura, isso ainda não justifica uma época; no máximo, uma moda. As épocas não se substituem deixando rabos na época seguinte. A era tecnológica (vulgarmente chamada digital, virtual, informática etc.) se impõe à modernidade, excluindo-a do jogo. Não há interpenetração nem passagem gradual, mas sobreposição.

Porém, em outro artigo, intitulado apenas *Pós-modernidade*, para o caderno MAIS da *Folha de S. Paulo*, no qual o debate era “O pós-moderno morreu?”, Marcondes Filho (2007, p. 03) é menos categórico em negar a existência pós-moderna.

O paradigma pós-moderno ocupou o lugar de um marxismo desgastado e desacreditado, transcendeu os limites do estruturalismo e da semiologia, deu

uma resposta interessante às novas formas de organização da política, da estética, da ciência e da literatura. Foi o arejamento necessário para que se pudesse pensar o final do século 20 sem os vícios iluministas de sujeitos históricos, visões de totalidade, programas e projetos, compromissos de arte, da literatura e do agir. Ao mesmo tempo, integrou as novas tecnologias no discurso do presente, avaliando-a ora crítica ora entusiasticamente. Assim optaram por ele ex ou neomarxistas (D. Harvey), pós-estruturalistas (J. Derrida, J. F. Lyotard), críticos de tradição nietzscheana dos mais diversos (G. Vattimo, J. Baudrillard), além de uma gama de sociólogos de modelo clássico (M. Maffesoli, G. Lipovetsky) e pensadores ditos “de direita”.

E, se antes a pós-modernidade não existia de fato, aqui ela está morta para o fato. Como uma proposta de ver o mundo, e de obscurecer outros aspectos do mundo, ela também antecipou seu fim e “com o fim da pós-modernidade podemos enfim acordar do sonho secular e refazer tudo aquilo que o pensamento dominante em nós embutido deturpou, mistificou, estrangulou” (MARCONDES FILHO, 2007, p. 1).

Outro ponto do debate certamente são as reflexões de Habermas de 1981 nas quais a pós-modernidade aparece “como um campo simbólico, um campo conceitual com determinadas linhas de função” (HABERMAS, 1988, p. 105). Também podemos destacar Edward Soja, ainda pouco utilizado pela comunicação, que defende a reafirmação do espaço na teoria social crítica com bases na desconstrução (espacial) radical da geografia humana crítica pós-moderna.

A desconstrução espacial também deve ser suficientemente flexível para aparar os golpes reacionários do historicismo e evitar a defesa simplista da anti-histórico, ou, pior ainda, de um espacialismo novo e igualmente obscurecedor. O objetivo, afinal, é uma geografia histórica politicamente carregada, uma perspectiva espaço-temporal da sociedade e da vida social, e não a ressurreição do determinismo geográfico (SOJA, 1993, p. 93).

Ao final, Soja (1993, p. 298) analisa, balizado na teoria social crítica, a cidade de Los Angeles (EUA), esperançoso que a “interpretação crítica e teórica das paisagens geográficas expandiu-se, recentemente, para campos que tinham sido funcionalmente analfabetos durante a maior parte do século XX”, que é o caso da comunicação.

Entre aqueles teóricos com análises relacionando geografia e comunicação, podemos citar Jesper Falkheimer e André Jansson (2006), que buscam um diálogo entre o espaço e a comunicação sugerindo que essa relação se tornou mais complexa quando as fronteiras entre diferentes espaços foram diluídas devido às tecnologias de comunicação. O argumento, para a relação entre as duas áreas do conhecimento é que:

A ligação entre geografia e comunicação reside no fato de que (a) todas as formas de representação ocorrem no espaço, e que (b) todos os locais são produzidos por meio de representação. Em outras palavras, as teorias da produção espacial devem também, até certo ponto, serem entendidas como teorias da comunicação/mediação. Mapas, desenhos arquitetônicos, bem como o ambiente construído, são instâncias de mediação entre a experiência espacial, (pré) condições visuais e material, embora raramente definidas como tal, nem muito frequentemente incluídos nos meios de comunicação e estudos de comunicação (JANSSON, 2005, p. 491, tradução nossa).

A base teórica de Jesper Falkheimer e André Jansson (2006) é Henri Lefebvre, muito conhecido e utilizado na geografia desde os anos 1960.

## Retomando conceitos geocomunicacionais

Os conceitos de espaço, tempo e movimento podem ser considerados, na obra de Santos e de outros geógrafos contemporâneos, como base conceitual para o pensar e o fazer geográfico. Certamente que o espaço, o tempo e o movimento que hoje se discutem em geografia são conceitos muito amplos. Esta amplitude de conceituação é esperada (e inevitável) como fruto da evolução das reflexões na geografia.

As tecnologias trazem consigo a possibilidade de encurtar o espaço e acelerar o tempo, consequentemente otimizando o movimento. Este é o momento de convergência entre a geografia e a comunicação. Ambas as categorias ou ciências evoluem. A geografia por reconceituar espaço, tempo e movimento, e a comunicação por ampliar grandemente a capacidade de encurtamento de espaço, aceleração do tempo e otimização do movimento ao passar dos simples aparelhos elétricos para a eletrônica e o satélite.

O aspecto a ser considerado nos estudos de Santos sempre foi a preocupação com o social, refazer, rever repropor conceitos compreendendo que a geografia é uma ciência humana.

Neste aspecto, a dualidade é, de um lado, a geografia enquanto ciência voltada à sociedade e, de outro, a comunicação, sua importância e tendenciosidade, quando analisada pelo aspecto dos grandes conglomerados. É este o ponto de principal do interesse nas propostas de Milton Santos, de uma geografia sempre em renovação, que inclua um novo olhar geocomunicacional. À geografia atribui-se – não unicamente, mas em grande medida – a responsabilidade de colocar sob sua alçada – enquanto ciência social – toda a problemática da força dos meios comunicacionais como mobilizadores sociais e formadores de opinião, como também sua relação com as questões político-econômicas.

Em seu livro *A Natureza do Espaço*, Milton Santos

(1996, p. 51) define o espaço como sendo

formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história de dá.

E acrescenta que o espaço é esse sistema de objetos e de ações, contudo, cada vez mais artificiais e estranhos ao lugar e às pessoas (SANTOS, 1996, p. 51). Mais adiante, o autor afirma:

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (SANTOS, 1996, p. 51).

Dessa síntese, podemos derivar a relação Geografia/ Comunicação. O espaço, ou sistemas de objetos e ações, entra no processo interagindo comunicacionalmente. Os sistemas de objetos e ações não dizem respeito unicamente à comunicação, mas esta é assim constituída, isto é, por objetos, entendendo o aparato técnico, e por ações, toda a mobilização que o fluxo comunicacional obviamente demanda.

Do mesmo modo que esses objetos atuam no processo, mediados pelo espaço propriamente dito, podem, também, fornecer dados estatísticos (oficiais, como os do IBGE, ou georreferenciais, no caso de várias empresas que operam via satélite, ou ainda de saúde, como foi o consórcio de veículos de comunicação, para levantar números de casos e mortos em 2020 na pandemia do coronavírus, por exemplo) a serem veiculados em seus mais diferentes aspectos (saúde, cultura, economia, política etc.), configurando os fluxos nos quais a comunicação pode operar e se desenvolver.

A importância dessa relação impacta no social. Se por um lado, a Geografia atua, também, como espaço-estatístico, cabe também a ela ser a guardiã de um discurso informacional



com responsabilidade, voltado às questões sociais mais relevantes. O mesmo ocorre com a comunicação, além de constituir-se em vetor informacional no espaço, deve ela pautar-se sobre princípios de integridade e critérios.

A intencionalidade intrínseca, sua localização e finalidade dos objetos que constituem o espaço geográfico criam uma ordem espacial, também intencional. Entretanto, este mesmo espaço, considerando sua universalidade enquanto tal, também apresenta diferenças com relação a outros espaços, que guardam outras intencionalidades e finalidades. Isso quer dizer que estruturas comunicacionais podem demandar diferentes métodos de implantação, diferentes materiais e equipamentos de maior alcance, sofisticados planejamentos logísticos, tudo em função de fatores como relevo, altitude, condições climáticas e atmosféricas, características ambientais gerais; todos os fatores de ordem geográfica capazes de gerar algumas necessidades de alteração de esquemas operacionais.

Uma vez implantada em um lugar, a estrutura comunicacional, além de alterar a configuração territorial, produz significativo impacto no quadro social, especialmente no aspecto econômico, com geração de empregos diretos e indiretos, atração de investimentos e, em especial, uma vez alcançada pela tecnologia comunicacional, o aparato comunicacional constitui-se elemento promotor de uma integração. Cada novo ponto que se agrega ao sistema amplia a rede projetando-se na maior escala, chega-se à integração dos sistemas comunicacionais em vários graus e níveis, que é a globalização.

O autor insiste que as “redes também são locais” (SANTOS, 1996, p. 268) e geram uma divisão social do trabalho da mesma forma que as redes globais “asseguram a divisão do trabalho e a cooperação, mediante as instâncias não-técnicas do trabalho – a circulação, a distribuição e consumo” (SANTOS, 1996, p. 268). Inserindo Musso (1994, p. 256 *apud* SANTOS, 1996, p. 268), para quem a

rede não substitui nem os territórios, nem os lugares, ela se insere, acentua as polarizações, as interconexões, acrescentando o deslocamento em

tempo real dos fluxos de informação aos deslocamentos físicos dos homens e das mercadorias. Conviria falar no sentido próprio, de “território de duas velocidades”.

As duas velocidades, ou a lógica que as redes criam, dialogando dialeticamente entre local e global também trazem desordens, pois as mudanças estruturais e de funcionamento das localidades não são da mesma ordem ali existente, ou seja, a lógica do mercado global, autorreferente, impõe-se no local. Por centrar-se em si mesmo, a globalização é perversa, pois deixa de fora a maioria da humanidade.

Neste ponto, Santos (2000) adianta o que seria o ponto central da obra *Por uma outra globalização*, do pensamento único à consciência universal, lançado em 2000, no qual desenvolve o argumento de que a globalização produziu três mundos. O mundo tal como nos fazem crer: a globalização como fábula; o mundo como é: a globalização perversa; e o mundo como poder: uma outra globalização.

O mundo tal como nos fazem crer: a globalização como fábula é analisado em suas três características: a fábula da aldeia global com informação para todos; a fábula do encurtamento das distâncias e a fábula do fim do Estado. A primeira ação, bastante conhecida no universo da comunicação, desde os anos 1960 com McLuhan, quer dar a entender que a “difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas” (SANTOS, 2000, p. 18). Ligado a isso estão o encurtamento das distâncias, para os que têm condições de deslocamento, e o encurtamento do tempo e dos espaços. Quer-se criar uma uniformidade global que, no limite prático da via cotidiana, desagrega e separa pessoas, tornando tudo e todos menos unidos graças à ação da lógica que serve aos interesses hegemônicos no território. Sobre o fim do Estado, o autor lembra que ele está a serviço do capital financeiro mundial, como pudemos comprovar na crise americana e europeia recentes e indaga-se:

No lugar do fim da ideologia proclamado pelos que sustentam a bondade dos presentes processos de globalização, não estaríamos, de fato, diante da presença de uma ideologização maciça, segundo a

qual a realização do mundo atual exige como condição essencial o exercício da fabulação (SANTOS, 2000, p. 18-9).

O mundo como é: a globalização como perversidade aborda a situação que se agravou nessas duas décadas desde o lançamento do livro até hoje, de desemprego crescente e crônico, aumento da pobreza no mundo, aumento da produção de alimentos e distribuição nada equitativa dos produtos, sem contar a produção de grãos voltados a beneficiamento de ração animal. Queda no nível de qualidade da educação, ainda que tenha aumentado a quantidade de livros, computadores, aulas virtuais etc. nas escolas. “Todas as mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização” (SANTOS, 2000, p. 20).

O mundo como pode ser: uma outra globalização indica que somente um processo – de globalização – que seja concebido de baixo para cima, e cujo alvo não seja a classificação entre forças dominantes, poderá conduzir a uma prevalência de interesses nas questões mais relevantes de ordem social, cultural, política, econômica e moral.

No plano teórico, o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso de uma nova metanarrativa, um novo grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica (SANTOS, 2000, p. 21).

Contudo, aqui cabe um esclarecimento sobre os conceitos. No último período, conforme demonstramos anteriormente, considerando o da geografia crítica, dividido em: 1ª. fase – a questão do espaço, de 1978 a 1986; 2ª. fase – o período técnico-científico-informacional, de 1996 a 2000; 3ª. fase – o território usado, de 2000 a 2001, ele considerava que território usado e espaço eram sinônimos, desde que espaço banal ou de todos.

O livro *Por uma outra globalização* encontra-se inserido na terceira fase. Portanto, reabre o debate entre a geografia

e a comunicação em uma escala mais politizada que sempre caracterizou o território: o território é o *nome político* para o espaço de um *país*. Em outras palavras, a existência de um país supõe um território (SANTOS, 2001, p. 19).

No *Manifesto de Florianópolis*, como ficou conhecido o texto coletivo *O papel ativo da Geografia. Um Manifesto*, após explanar sobre o papel que a geografia deve desempenhar na sociedade, tendo os geógrafos clareza de seu cabedal conceitual e seu objeto, a geografia, considerada “disciplina das localizações”, viu deformado e simplificado seu enfoque. Diante disso, o Manifesto propõe (SANTOS, 2000, p. 2) “considerar o espaço geográfico não como sinônimo de território, mas como território usado... Uma perspectiva do *território usado* conduz à ideia de espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço”.

Na sequência, o manifesto aborda a problemática da fragmentação da teoria geográfica, chegando à questão crucial “de saber como e por que se dão as relações entre a sociedade como ator e o território como agido e, ao contrário, entre o território como ator e a sociedade como objeto da ação” (SANTOS, 2000, p. 13).

Dessa forma, temos uma reavaliação do conceito de espaço, que foi a preocupação central de Santos desde o final da década de 1970, quando a geografia era entendida como a ciência do espaço social e o espaço considerado como instância social (espacialização e materialidade), passando para o meio técnico científico informacional (o meio técnico científico como condição de realização do social, com a espacialização do social, do ideológico, do cultural, do científico) que cria espaços inteligentes, novas e diferentes dinâmicas até culminar no território usado dos últimos escritos. No tocante ao conceito de tempo, Santos (1996, p. 148) é enfático em afirmar que

É a partir do computador que a noção de tempo real, um dos motores fundamentais de nossa era, torna-se historicamente operante. Graças exatamente à construção técnica e social desse tempo real é que vivemos uma instantaneidade percebida, uma simultaneidade dos instantes, uma convergência dos momentos. O computador, produto do tempo real criado no laboratório, ao mesmo tempo produz

o tempo real das instituições e empresas multinacionais. Manipulador de Informação, o computador amplia o poder de comunicar.

As novas técnicas trazem em seu bojo novas percepções do tempo. Temos exemplos claros do bonde, ônibus, metrô, momentos em que o ritmo e os relógios precisam estar sincronizados para que a logística que os embasa possa funcionar e facilitar a circulação. Assim,

o tempo como sucessão [tempo histórico] é abstrato [porque coloca as temporalidades de todos os lugares de maneira idêntica] e o tempo como simultaneidade é o tempo concreto, já que é o tempo de vida de todos. O Espaço é o que reúne todos (SANTOS, 1996, p. 127).

A inseparabilidade do tempo e do espaço é confirmada tendo como ponto de partida e chegada a sociedade, pois “tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora” (SANTOS, 1996, p. 44). Atualizando esse pensamento, podemos dizer ser o espaço banal — ou território usado — a base material onde formas e usos, objetos e ações ocorrem.

E aqui localizamos um posicionamento teórico-metodológico de Santos: a modernidade. Para o autor, a pós-modernidade era o período técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996, p. 210) e ele pouco se referia a essa palavra. A leitura de suas obras indica um teórico preocupado com a totalidade e não com a fragmentação, que ele via como um problema a ser vencido pelo entendimento do presente.

Em diversas obras, ele trata disso, por exemplo, no já citado *Manifesto de Florianópolis* e no próprio livro *A natureza do Espaço*. Talvez sua formação humanística e seu posicionamento teórico o levassem a considerar, como muitos intelectuais, o momento presente como a modernidade. Mas, reforçamos, ele não abordava tanto esse tema, que foi bastante debatido nos anos 1980-1990 entre teóricos que se posicionavam pela modernidade (Habermas, entre os mais destacados) e

aqueles pela pós-modernidade (Lyotard, entre eles). No ano de 1993, em entrevista para José Mario Ortiz Ramos, Eliane Robert Moraes, Douglas Santos e Maria Lucia B. C. De Paula, publicado na revista *Margem* de novembro, Milton Santos aborda a pós-modernidade, com incursões sobre a mídia e o espaço, este último, a grande temática do debate geográfico dos anos 1980-1990.

### **A pós modernidade**

Definida como um momento no qual as grandes meta-narrativas já não dão conta do entendimento do mundo fragmentado, para Santos (2007, pág. 83), a grande questão não é a pós-modernidade, “me preocupo mais com a caracterização desta época, se ela forma ou não um conjunto coerente”.

Destoando dos pensadores daquele período e mesmo depois dele, Santos acreditava que exatamente pela totalidade ter se tornada empírica é que era possível teorizar mais facilmente. Como vivenciamos hoje, a complexidade de atores hegemônicos a enviar seus vetores diferencia, ainda mais, dos momentos anteriores do capitalismo, quando poucos eram hegemônicos. Sem contar que, no campo comunicacional, muitas vezes os grandes conglomerados e empresas são ultrapassados pela dinâmica dos menores na distribuição de informação, produtos ideias etc. Mais do que antes, temos a comprovação de que a hegemonia não precisa, necessariamente, ter somente uma fonte de emissão dos vetores.

Outra questão ocorre: “será possível ainda apreender o mundo?” (SANTOS, 2007, p. 83).

Para os teóricos que defendem o posicionamento pós-moderno, a atual fragmentação torna o mundo inalcançável, ao que Santos responde, invocando Sartre, para quem “a passagem de um tempo para outro, de um momento para outro se dá pela fragmentação” (SANTOS, 2007, p. 84). Cada nova totalidade ocorre pela fragmentação anterior nova e diferente, e conclui “à ideia de pós-modernidade como fragmentadora, deveríamos concebê-la como um outro momento de construção” (SANTOS, 2007, p. 84).

Acrescenta-se a isso outro ingrediente que, incluso geógrafos que aceitam a condição pós-moderna, como David Harvey (2013), utilizam a temática da cultura relacionada com o espaço. Santos (2007, p. 84) entende a questão pelo viés da “cultura como uma relação do homem com seu entorno”.

Como vivemos uma economia global, a cultura tende a ser mais universal, porém como recriação, já que as pessoas estão fixas em seu lugar e a cultura é apropriada e reapropriada no lugar. Santos (2007, p. 85) cita como exemplo

os jornais locais e de bairro. Imaginávamos que com o progresso da modernidade esses jornais iam acabar. Mas não é que eles ficaram mais fortes? Por quê? Porque há traços locais que terminam sendo culturais, que exigem a existência de uma imprensa local. Já tentamos aqui na USP, e temos de retomá-lo, esse estudo da geografia regional e a imprensa, da mídia. Porque o próprio consumo leva ao seu antídoto. O consumo nos aprisiona, mas para vender tem que levar em conta estratificações de idade, de renda, os gostos herdados. E o jornal tem esse papel, é o intermediário, tem também um consumo político. Portanto, isso tudo confere um papel muito importante ao local e à cultura.

Aprofundando o tema do pós moderno, e o tema da força dos jornais e da mídia local, vemos que Santos também faz a crítica ao papel dos intelectuais e o encantamento que eles demonstram pelas mídias, com caminho que a ele parece ser o mais fácil: o da fragilidade imediata das mínimas linhas ou do exíguo tempo de rádio e TV destinados aos intelectuais.

### **A mídia e os intelectuais**

Quando o tema relacionava os intelectuais e as mídias, Santos era muito crítico e receoso do papel que estes cumpriam nos meios. Por diversas vezes, chamou atenção do público leitor ou espectador de programas, como no *Roda Viva*, em 1997, quando, em determinado momento, percebendo que os entrevistadores estavam se repetindo, reforça suas teses do papel do intelectual. Em entrevista ao jornalista Cláudio Cor-

dovil (2016 [1997], on-line), quando questionado sobre suas declarações no programa televisivo, responde:

A capitulação dos intelectuais é um fenômeno internacional já antigo e que se agravou com a globalização. Isso de alguma maneira perdura com a democracia de mercado de hoje. A intelectualidade brasileira se organiza através de grupos fechados que necessitam mais de fazer pressão, para sobreviver, do que de se reunir para pesquisar. Por isso tendem a se aproximar do establishment, o que reduz a sua força de pensamento, imaginação e crítica. Isso equivale a capitular. No Brasil, há exceções, mas essa síndrome precisa de uma cura urgente.

No mesmo ano de 1997, respondendo ao jornal *O Tempo*, Santos (2007, p. 140) analisa a falta de uma premiação para o bom orientador, o bom professor nas próprias academias. Em sendo assim, alguns buscavam o reconhecimento externo almejando o prêmio além dos muros acadêmicos. Sobre a problemática da relação com a mídia em geral, afirmava:

A imprensa hoje decidiu imitar a televisão para vender mais. Isso traz como consequência a necessidade de ser breve. Há uma incompatibilidade entre ser breve, rápido, dizer sim ou não – que é o que dá manchete – e transmitir o resultado de sua pesquisa, de sua reflexão. Então você tem os que estudam e sabem, e os que principalmente não estudam e falam. A imprensa é com frequência o veículo das pessoas light. Pessoas que têm facilidade de falar porque o que tem para dizer é simples (SANTOS, 2007, p. 140).

O geógrafo repetia que “um intelectual não pode falar todos os dias. É preciso tempo para amadurecer as ideias” (RIBEIRO, 2002, p. 1). Também chamava atenção para o estímulo dado pelas universidades para a exposição midiática, questionando os relatórios nos quais aparecem questões sobre o número de vezes em que apareceu na TV ou foi entrevistado na rádio e/ou internet, e categorizava: “Há uma demanda de mediocridade por parte da direção da universidade” (SANTOS,



2007, p. 140).

Ainda assim, Milton Santos também soube utilizar as mídias para a divulgação de suas ideias e conceitos. Principalmente depois que ganhou o prêmio internacional de geografia Vautrin-Lud, em 1994, comparado ao prêmio Nobel para essa área do conhecimento, e, também, após completar 70 anos, em 1996. Esse ano de 1996 é do lançamento de *A natureza do Espaço*, marcante no pensamento geográfico e momento que, a partir de então, é chamado para debater e ensinar sobre a globalização. Sua produção intelectual e debate são registrados no documentário *Encontro com Milton Santos. O mundo global visto do lado de cá*, de Silvio Tendler (2007).

## Mídia, antes de ser comunicação, é espaço

*Na cidade, os efeitos de vizinhança parecem impor uma possibilidade maior de identidade das situações, graças, também, à melhoria da informação disponível e ao aprofundamento das possibilidades de comunicação.*

**Milton Santos, 2000.**

A afirmação de que “Mídia, antes de ser comunicação, é espaço” (SANTOS, 2007, p. 74) decorre do entendimento de Santos para os estudos de Debray, quando indica a necessidade da nova disciplina, Midiologia, e estabelece uma relação imediata entre comunicação e geografia. E por que a geografia?

A percepção do espaço está ligada à velocidade das pessoas, das coisas e das mensagens. O espaço distingue-se, certamente, em função do grau de fluidez entre coisas, objetos, mensagens. Então chegamos a este final de século em que somos capazes de participar da contemporaneidade simultânea. Antes havia a contemporaneidade, mas nós não participávamos... essa nova situação muda a definição dos lugares: o lugar está em todo lugar, está dissolvido no mundo inteiro, graças à televisão, graças à instantaneidade. Temos ainda o satélite, que nos dá o movimento da Terra. É como se fizessemos cinema; acompanhamos a Terra, o mundo... A totalidade se tornou empírica, não é uma criação do nosso pensamento (SANTOS, 2007, p. 75).

Outra questão que envolve diretamente a mídia e a informação, conforme analisa Santos, são as fronteiras e suas novas dimensões e características, a saber, a desagregação de um país não passa, necessariamente, pelas alterações de suas fronteiras físicas, já que grandes conglomerados e empresas

comandam à distância. Sendo assim, com a informação e a mídia, devemos recriar uma nova definição para as fronteiras.

Contudo, há que pensar dialeticamente a questão, pois a fronteira não perde sua materialidade. Santos (2007, p. 79) lembra que o contrabando, assim como os *freeshops*, são a grande prova disso. Nesses espaços dos *freeshops*, duas moedas diferentes atuam na economia criando atritos inclusive salariais, visto que um ganha mais e outro menos. Na comunicação, estes espaços criam áreas onde idiomas diferentes criam significados diferentes aos usuários, sem contar o fluxo que caracteriza os espaços, comunicando, ele mesmo, sua efemeridade.

Entra em jogo o tempo nessa relação com o espaço, um tempo empírico do acontecer concreto do homem.

O tempo do lugar é o conjunto de tempos internos a ele, que corresponde a possibilidades diferentes dos indivíduos - mas não somente aos indivíduos, como também das empresas - de utilização do tempo e do espaço (SANTOS, 2007, p. 81).

O acontecer do homem concreto pode ser registrado em suportes técnicos, é o caso do documentário, no qual o Homem e a teoria estão imbricados em um único acontecer.

### **A própria técnica é o meio – Milton Santos em documentário**

O documentário de Silvio Tendler, lançado em 2007, apresenta imagens do último ano de vida de Milton Santos, gravadas em seu escritório da USP e residência. Conforme Araújo (2008, p. 65),

o formato escolhido por Tendler... pode ser considerado clássico por uns e convencional demais por outros. O que ninguém pode deixar de admitir é que não faz nenhuma questão de camuflar o seu tom perceptivelmente didático.

Didático, tradicional ou mesmo panfletário, o filme de Tendler apresenta as ideias de Santos no tocante à globalização, mesclando depoimentos do geógrafo, imagens de encontros, fóruns, reuniões oficiais em Davos, Rio Grande do Sul etc., e falas que incluem pessoas do povo em manifestações, até intelectuais em seus gabinetes. As três facetas da globalização caracterizam o mundo como fábula, perversidade e possibilidade, exatamente a composição do livro de Santos, *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. Aqui o conceito chave é o território usado sinônimo de espaço geográfico e analisado partindo das novas tecnologias que estruturam e dão sentido à materialidade da vida, configurando o sistema indissociável entre objetos e ações, conforme já demonstrado anteriormente para essa última fase de vida de Santos.

Com relação às indicações e críticas feitas contra as mídias, Araújo (2008, p. 65) argumenta que o apresentado por Tendler e Santos não convence:

No filme, a mídia é encarada como um dos mecanismos de garantia da referida lógica na medida em que homogeneiza os pontos de vista e controla os conteúdos veiculados por meio de distribuição padrão. Ele revela como seis corporações comunicacionais, por meio de suas agências, respondem por noventa por cento dos conteúdos veiculados no mundo. Há, desta maneira, uma limitação de fontes e de pontos de vista, o que contradiz a propalada democratização da informação. Os clientes das agências de notícias repetem, de “maneira servil” (idem) as “mesmas fotos, mesmas notícias” (idem). Além das fontes serem limitadas, são limitadas também as temáticas abordadas na medida em que as agências habitualmente veiculam os mesmos temas a um só tempo. Observa-se, assim, o excesso do mesmo, exaustivamente espetacularizado e que finda por se tornar vazio de sentido, embora possamos, hipnotizados, consumir o que as mídias veiculam e experimentar a sensação de estarmos bem informados.

Outra possibilidade de análise da forma-conteúdo do filme é indicada por Ibazeta (2011, p. 1), que afirma:

Esse documentário, que traz de volta o modo expositivo, faz uma crítica às políticas governamentais que causaram profundas crises na sociedade civil, consequência da implantação do neoliberalismo na América Latina. A mídia, visual e escrita, é desprestigiada por apoiar a política econômica dos grupos dominantes. O filme dá visibilidade à resistência social: manifestações, passeatas e protestos diversos invadem a tela. Um olhar esperançoso expõe de modo geral os movimentos sociais contra as políticas da globalização e o trabalho de cineastas engajados que acompanham essas lutas com sua câmera.

Um terceiro ponto de vista sobre o documentário é o de José Borzacchiello da Silva (2007) em sua resenha para a ANPEGE (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia). Como é um geógrafo, apresenta outros aspectos que os demais não abordaram, como a condição de cidadão mundial que lhe cobrava análises e aprofundamentos teóricos constantes.

Silvio Tandler fez um filme inteligente, bem à altura do homenageado. Trata-se de um documentário que enaltece a capacidade interpretativa de Milton Santos diante de um mundo em processo acelerado de transformação. Toda a experiência do cineasta se manifesta na universalização da linguagem. Imagem, texto, narração e trilha sonora se entrosam de forma magnífica. Milton era o protótipo do cidadão universal. Essa condição exigia dele uma leitura rigorosa da realidade, que emergia do inconformismo com a dor e a miséria do mundo. Sua forte capacidade de se indignar e de denunciar foi capturada pelas lentes de Silvio Tandler. Munido do discurso do mestre geógrafo buscado em entrevistas ou em edição de pronunciamentos em eventos, Silvio faz o contraponto com um cenário em que a globalização mostra toda sua crueldade. O foco está sempre sobre Milton que vai balizando seu pensamento, à medida que o diretor enxerta cenas duras do cotidiano de milhões de pessoas principalmente na América

Latina e na África, bem como depoimentos de outras personalidades. Falas e imagens do centro e da periferia revelam o dinamismo do processo de sujeitos sociais protagonistas dos tempos agonizantes da globalização. Milton se refere com frequência a globalitarismo, expressando a forma autoritária como ela se instala no mundo expropriando várias dimensões da vida. O processo de resistência é um ponto forte do filme. Flashes de manifestações contra a ação dos grandes grupos que controlam o capital em vários setores seja na tentativa de privatizar o abastecimento de água, seja na indústria de cultura de massa. A insurgência aparece mostrando formas inventivas que alimentam a crença no porvir. Milton Santos não é um derrotista. Ele acredita à esperança a promessa de um mundo melhor, mais justo, mais solidário. O documentário angustia. A gente sofre na sequência do filme. Milton é duro. Entretanto, ele semeia a crença no futuro. Ele vê a possibilidade de luz no fim do túnel (SILVA, 2007, s.p.).

O documentário difere, evidentemente, das entrevistas impressas e daquelas televisivas das quais Santos participou, como o *Roda Viva*, *Conexão Roberto D'Ávila*, entre outros, que sempre iniciavam com a questão do passado, o qual parecia incomodar o entrevistado que tentava mais falar de sua produção atual.

Na entrevista para a revista *Caros Amigos*, em 1998 (SANTOS, 2000, p. 13), ele é enfático quando responde sobre sua origem dizendo que não sabia as origens paternas porque “em minha casa me ensinaram a olhar mais para a frente do que para trás”. Mas a tônica é sempre perguntar sobre as origens no sertão baiano até o reconhecimento internacional com o Prêmio Vautrin-Lud. Foram poucas as entrevistas nas quais pôde desenvolver suas teorias e avançar as reflexões, coisa que ocorreu com a da *Caros Amigos*, que ele termina afirmando: “fiquei muito feliz com essa conversa, ela me fez avançar. Vamos ver se a gente toca o país”.

Voltando o documentário, Santos dialoga com Tendler que, optando pelo geógrafo e suas ideias, trabalha o tempo e o espaço de modo a romper uma linearidade ou críticas frágeis.

O desprestígio das mídias visual e escrita apontados por Iba-zeta (2011) são propositais, em nosso entendimento, demonstrando o quanto os temas da moda, para usar uma expressão do geógrafo, podem ser explorados para causar dor – como sugere José Borzacchiello Silva (2007, s.p.): “A gente sofre na sequência do filme. Milton é duro” –, mas, também, reflexão em quem assiste.

O documentário aponta ainda para os conceitos de homem lento e homem opaco, que se complementam, para designar aqueles que estão fora da lógica do capital, do tempo instantâneo e de seus espaços luminosos de mídia ou luminosidades contemporâneas, típicas da “virada pictórica” (*pictorial turn*) proposta por William John Thomas Mitchell (1992) como um problema extremamente novo e inédito na sociedade e culturas capitalistas flexíveis.

Santos dizia ser mais cômodo aos intelectuais aderirem que refletirem. Ainda que a reflexão sobre a luminosidade contemporânea traga muitos frutos, daí a provável aderência de muitos intelectuais, os homens lentos e opacos trazem incômodo às mídias e aos criadores do espetáculo transmitido e retransmitido pelos meios eletrônicos, quando, graças à sua lentidão, conseguem captar o verdadeiro movimento das cidades, porque a cidade pertence aos homens lentos e opacos que não estão presos aos sinais eletromagnéticos nem aos deslocamentos “rápidos” e solitários no interior dos veículos – ou seja, a lógica do capital global e flexível, que transmite e retransmite seus valores, culturas, necessidades e possibilidades por essas redes móveis e imagens. “Quem, na cidade, tem mobilidade, acaba por ver pouco, da cidade e do mundo. Sua comunhão com as imagens, frequentemente, pré-fabricadas, é a sua perdição” (SANTOS, 1996, p. 260-1).

Para os homens lentos e opacos, essas visualidades contemporâneas em forma de imagens multiplicáveis são miragens que desmascaram sua condição social e cultural. A transmissão de imagens, do “registro do acontecido”, feitas em celulares e com a própria visão, e encaminhadas para rádios que aceitam retransmitir os fatos narrados/filmados pelo ouvinte como “notícias de primeira mão”, opõe-se à luminosida-

de da racionalidade única dos que se creem arautos dos fatos.

Contudo, as classes mais pobres, exatamente os homens opacos, se não têm luminosidade, têm algum brilho, que podemos entender aqui como **lampejos** (um brilho, um clarão repentino) no capitalismo cultural flexível ao qual têm acesso momentâneo. Durante o período de Natal, por exemplo, ruas de comércio mundial, como a Rua 25 de Março, em São Paulo, brilham nas mídias televisivas, impressas e digitais, reconfigurando-se na racionalidade do capital para, posteriormente, voltar à opacidade de sua condição anterior. Passados seus momentos de miragem, o lampejo se apaga.

Ainda com o tema da luminosidade, Milton Santos não é um pessimista, ele vê a possibilidade de uma luz no final do túnel. E a luz será resultado de outras práticas no capitalismo global, por conseguinte, uma outra globalização.

Neste ponto é interessante inserir um recorte no espaço vivido (aquele que é usado pelo homem), refletindo sobre o lugar, possibilidade dialética com o global mediante a univ ersalidade empírica (SANTOS, 2004, p. 40), entendida como

A planetariedade das técnicas e da ação de comando por meio da mais valia, voltando ao velho marxismo, cria possibilidade, junto com a evolução técnica, a visão do planeta com satélites etc., de ver o mundo, e de não apenas confiar na grande intuição do gênio filosófico, mas na história se fazendo empiricamente. Para nossa disciplina, a globalização é uma abertura extraordinária, que obriga a uma revisão de nossa elaboração intelectual.

Na comunicação, a questão se apresenta com a mesma intensidade, pois a planetariedade das técnicas com a globalização, os satélites etc. são o cotidiano da maioria dos profissionais e empresas atuantes. E com o advento da globalização e seus conhecidos pilares (a saber, revolução tecnológica propiciada pela informática; as transmissões de informações e telefonia (inter)nacional mais baratas e barateamento do transporte internacional seguido de uma oferta maior) obrigou uma revisão dos conceitos e práticas, sem contar com a criação de áreas e linhas de pesquisa inexistentes até então, como é o



caso de todos os ciber (cultura, espaço, moda, bullying, rebeldes, entre outros) e as diversas e contraditórias posições que suscita.

Na década passada, em 2008, no II Simpósio Nacional da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores da Ciber-cultura), algumas conferências apontavam mais para a dificuldade e incerteza de como nomear e conceituar o *ciber*. Na conferência de Abertura, Eugênio Trivinho afirma que “ciber define uma época”.

Contudo, o debate ultrapassa essas questões que, nos anos 1980, eram tratadas como NTC ou Novas Tecnologias da Comunicação (alguns acrescentavam NTCl, sendo o final Informação). Felizmente, os conceitos são datados e cada época deve encontrar as respostas para suas questões. NTC ou NTCl, hoje, não passam de vocabulário, o que é importante, mas “o conceito também contribui para o vocabulário, mas vai além dele” (SANTOS, 2004, p. 37).

Mas voltemos ao lugar e ao cotidiano, que são recortes nos quais o trabalho da comunicação acontece no mundo globalizado.

## O lugar e a horizontalidade da comunicação na globalização

Atentando para o lugar ao qual nos inserimos, podemos perceber e constatar que é no lugar que percebemos o mundo (SANTOS, 1996b, p. 143). É nessa relação prática, empírica com e no mundo, que sabemos do mundo, temos acesso a ele.

Cada lugar, a seu modo e possibilidade, insere-se na globalização com uma carga maior ou menor de conteúdos e densidades técnica, científica e informacional, e o distintivo dos lugares serão as qualidades e quantidades dessas densidades citadas, que se inter-relacionam e juntas compõem o quadro do lugar, sem que uma exclua ou elimine a outra.

Santos (1996b, p. 146, grifo no original) assim explica as densidades do lugar:

- Densidade técnica: marcada por diversos graus de artificialidade. Trata-se de espaços inteligentes dispostos a atender rapidamente as intenções de quem os conceberam e produziram... mais perfeitos que a natureza.
- Densidade informacional: deriva, em parte, da densidade técnica. A informação se completa com a ação. Porém, quando é unívoca, é uma informação que obedece às regras do ator, e introduz no espaço uma intervenção vertical, que geralmente ignora o entorno posto ao serviço de quem tem a renda. A densidade informacional nos informa sobre os graus de exterioridades do lugar.
- Densidade comunicacional: provém daquilo que G. Berger chamava de caráter humano do tempo da ação, já que o acontecimento pode se considerar como práxis intersubjetiva ou transindividual. Esse tempo plural do cotidiano compartilhado é o tempo conflitivo da co-presença. Como lugar do acontecer solidário, homólogo ou complementar, o Lugar é esse espaço banal da geografia... criador da solidariedade e da interdependência obrigatória gerada por situações de presença cara a cara... As relações comunicacionais têm, mais que as demais,

um Geographic flavour, pois são geradas no lugar e somente no lugar, apesar da origem, caso esteja distante, dos objetos e dos homens e das ordens que as movem. As relações informacionais são verticais e as comunicacionais horizontais. **As relações informacionais podem ser “indiferentes” em relação ao meio ambiente social. As relações comunicacionais são resultantes do meio ambiente social...** Nas condições atuais, as relações informacionais transportam consigo o reino da necessidade, enquanto as relações comunicacionais podem identificar-se com o reino a liberdade... A opulência dos lugares viria, não da densidade técnica, mas da densidade humana. Haveria então, lugares mais ou menos dirigidos ao presente e outros mais orientados ao futuro, aqueles onde a riqueza comunicacional é maior.

Atentando às definições das densidades dos lugares, fica clara a importância da densidade comunicacional na busca de um futuro e de outra forma de assumirmos a globalização, pela redefinição dos valores sociais e rumo ao futuro como ideia de projeto, e não mais como apenas a ideia de que é recurso. Sendo que o “lugar é a possibilidade do acontecer” (SANTOS, 1996b, p. 149), vários futuros estão potencialmente colocados para as pessoas e não apenas para aqueles grupos hegemônicos.

O estudo do lugar sempre traz em seu bojo ainda mais uma questão, que é o cotidiano, ou, como considerava Santos (1996, p. 257), “a quinta dimensão do espaço banal”. Visto que a comunicação e a informação ocorrem em todos os momentos da vida social, temos um cotidiano acrescido de outras dimensões.

O cotidiano é a quinta dimensão do espaço banal e as outras quatro dimensões são três espaciais e uma temporal. A quarta dimensão, a temporal, é exatamente o viver. Viver que se prende ao cotidiano, este pessoal e intransferível é o reino da repetição e da alienação. As possibilidades de rompermos o cotidiano podem ocorrer durante uma suspensão, sempre momentânea, pois é impossível uma suspensão eterna. Agnes Heller apresenta quatro formas de suspensão da vida cotidiana-

na: a arte, o trabalho, a ciência e a moral (FALCÃO, 1989, p. 27), às quais podemos também acrescentar outra temporalidade, da qual não experimentaremos, mas que serve de suspensão aos que estão compartilhando o cotidiano conosco: a morte. E é interessante como os jornais, diários ou não, garantem um espaço para os mortos, destacando alguns, apenas citando outros. É uma informação que pode trazer conhecimento ao leitor.

Estávamos, em 2001, fazendo um pós-doutorado na Universitat de Barcelona, quando chega a notícia da morte de Milton Santos e, no dia 26 de junho, o jornal *La Vanguardia*, edição em catalão, publicava na página *Necrológicas*:

*Milton de Almeida Santos. El rector, el Claustre de Professors, els estudiants i el personal d'administració i serveis, expressen el seu dolor per aquesta pèrdua i s'uneixen al sentiment de la seva família.*

Ainda que longe de São Paulo, onde ele morreu, a suspensão foi inevitável, pois tínhamos consciência de que havia sido ele quem abrira as portas da Universitat de Barcelona aos alunos do departamento de Geografia Humana da USP, de que mais do que fãs ou alunos, fomos interlocutores de um pensador/pensamento que apreciava o debate. Esse exemplo ilustra, passada mais de duas décadas, que a força do cotidiano, enquanto escala do viver, é uma dimensão espacial que parte do lugar para compreender como a sociedade é, muito mais que a economia que a anima. Oferece a possibilidade de compreender o significado das coisas e a identidade das pessoas com o lugar. A aderência das pessoas com o lugar.

Assim, o cotidiano em uma geografia da comunicação pode ser entendido como uma relação presente e direta com as coisas, com o mundo. E sendo assim, as formas atuais, além de carregar abundância de informação, são elas mesmas informações, já que existe uma intencionalidade na produção dessas formas (SANTOS, 1996, p. 257).

Entra em ação outro componente importante do lugar e do cotidiano, a emoção, as trocas, encontros e desencontros entre pessoas e as infinitas possibilidades de intercâmbio.

Temos assim a “noção de emoração”, que é a relação entre a emoção e a razão e “encontra seu fundamento nessas trocas simbólicas” (SANTOS, 1996, p. 256).

Momento interessante das pesquisas foi o da possibilidade de conversar com intelectuais sobre o pensamento de Milton Santos. Foram diversas solicitações enviadas, algumas respostas surpreendendo pela imediatez e prontidão em responder, por exemplo, as dos geógrafos estadunidenses Richard Peet (2013) e Terry McGee (2013) contextualizando a produção de Santos. Outras pela simplicidade da resposta, mas, em simultâneo à sinceridade, como foi o caso da resposta de Saskia Sassen (2013), socióloga holandesa que debate o tema das cidades mundiais, entre outros, que afirmou conhecer Milton Santos e suas ideias de “longa data”.

A característica geral das entrevistas girou em tom de respeito e reverência para com a pessoa de Santos e admiração pela teoria que ele desenvolveu para a América Latina, principalmente por parte dos estrangeiros.

Mesmo considerando que um trabalho científico deva primar por certa distância entre sujeito e objeto, as conversas com o geógrafo catalão Carles Carreras i Verdaguer, sozinho ou acompanhado da geógrafa uspiana Amália Inês Geraiges Lemos, trouxeram momentos de grande emoção “*con los recuerdos detrás*”, confirmando a relação proposta por Santos na obra *Natureza do Espaço. Tempo Espaço Razão e Emoção*.

Outro momento que trouxe emoção e admiração foram as conversas com gerações novas de geógrafos brasileiros e estrangeiros, que têm Santos por referencial, alguns sem ao menos o terem conhecido pessoalmente, como André Pasti. Podemos citar Sergi Martinez i Rigol, então um doutorando da Universitat de Barcelona, que teve a incumbência de traduzir e revisar a obra em espanhol *De la totalidad al lugar*, lançada em 1996, quando a Universitat de Barcelona concedeu o título de Doutor Honoris Causa.

Bastante ajuda trouxe a obra lançada por Maria Auxiliadora da Silva, em 2012, *10 anos sem Milton Santos*, com depoimentos de alunos, professores, amigos, parentes, em um total de setenta e seis depoimentos divididos em *Nos Escani-*

*nhos da memória e Registros: O Mundo do cidadão*. Aqui também emoção e razão dialogam e esse encontro importante com a obra possibilitou completar lacunas que haviam ficado.

Também aproveitamos muito a obra *Território e sociedade. Entrevista com Milton Santos* (SANTOS, 2000), já que é o próprio autor a falar e também por ser uma entrevista feita logo que a obra *Por uma outra globalização* havia saído, com impressões das primeiras manifestações que o livro gerou no meio acadêmico.

Outra fonte de informações, para compor um “panorama de entrevistas”, foi a obra organizada por Maria Adélia Souza, *O Mundo do cidadão. Um cidadão do Mundo*, de 1996, quando Milton Santos completava 70 anos e “era aposentado” da Universidade de São Paulo, na qual podemos encontrar diversos testemunhos sobre a vida-obra de Santos. Como afirma Maurício de Almeida Abreu (SOUZA, 1996, p. 35), “os Festschriften são relativamente comuns na Europa e nos Estados Unidos... No Brasil... só agora entretanto é que essa prática começa a se estabelecer”. Essa espécie de obra coletiva, de homenagens e novas contribuições enquanto o autor vive, é de grande valia como documento de pesquisa. Não fosse por ela, as impressões do Dr. Maurício Abreu, como era conhecido, não poderiam ser aqui utilizadas, visto seu falecimento no ano de 2011.

No depoimento de Abreu, em 1996, entre as várias possibilidades para falar de Santos, escolhe uma de suas obras - *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos* – como aquela na qual a biografia acadêmica dos dois converge. Quando do lançamento desse livro, em 1979, Abreu terminava seu doutoramento nos EUA e mal conhecia Santos, apenas de um artigo sobre as cidades no mundo subdesenvolvido, e receava voltar ao país imaginando uma carreira internacional. Milton Santos, por sua vez, já era uma figura internacional e quando coordenou na Europa um número da, então, renomada *Revista Antipode* sobre o subdesenvolvimento, esta se tornou leitura obrigatório nos cursos que Abreu fazia nos EUA. A revista era um referencial do pensamento inovador da época,

lançada havia pouco, rapidamente se transformara em símbolo da contrarrevolução marxista que começava a ocorrer na geografia americana. Era por meio dela que Harvey, Peet e outros começavam a lançar ataques devastadores ao neopositivismo então dominante (SOUZA, 1996, p. 38).

Contudo, Abreu reconhece que o quê o ligou a Santos não foi sua obra, mas a trajetória profissional, ambos buscando contribuir para o pensamento contemporâneo brasileiro. Resumindo o longo artigo que se segue, a grande questão é a da autoestima como importante sentimento para a comunidade científica, sempre em necessária renovação.

Aqui podemos incluir o depoimento via *e-mail* dado por Richard Peet (2013), da Graduate School of Geography Clark University, nos EUA, quando solicitamos sua opinião sobre Santos, que corrobora com o depoimento de Abreu. Diz ele:

A síntese sócio-espacial que Milton Santos fez da teoria anglo-americana e francesa, adicionando suas próprias ideias, foi intelectualmente brilhante e politicamente inovadora. As versões publicadas em inglês, como a *Antipode: a Radical Journal of Geography*, de 1974, sobre a dialética espacial, o marxismo e o subdesenvolvimento foram obras seminais no fazer de uma geografia radical. No entanto, pelo fato de que, geralmente, Milton escreveu em francês ou português, e foi publicado no Brasil, sua importância como intelectual global tem sido menor do que deveria ser.

Uma das teorias que ainda reverberam no mundo acadêmico e foi pouco ou nada trabalhada pela comunicação até agora é a Teoria dos Dois Circuitos da economia espacial, conforme citado no depoimento de Terry McGee (2013), sendo tais circuitos o superior ou moderno e o inferior. O primeiro circuito vem com grande carga de alta tecnologia e modernização e sua referência é (inter)nacional, caracterizado pela fluidez e flexibilidade. Já o circuito inferior atua em escala menor atingindo as camadas mais pobres da população, contudo “é bem sedimentado e goza de relações privilegiadas com sua região.

Cada circuito forma um sistema, isto é, um subsistema do sistema urbano (SANTOS, 1971)” (SANTOS, 2003, p. 126).

O geógrafo canadense escreveu:

Caro Paulo,

Meus agradecimentos pela sua mensagem.

Milton Santos foi um dos estudiosos realmente importantes que proporcionaram a entrada maciça de minhas ideias a respeito da estrutura das economias das cidades do Terceiro Mundo, agora transformado em “Cidades do Sul”, particularmente seu livro publicado em francês “L’espace partagé; les deux circuits de L’économie urbaine des pays sous-développés” (1975) [O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana, 1978], que forneceu um poderoso argumento contra as ideias predominantes da “economia dual”. Ainda mais que forneceu uma explicação dos processos de geração de riqueza desigual e a prevalência da pobreza nas cidades do Terceiro Mundo e suas consequências.

Passei três anos em um projeto com atividades urbanas participativas da sociedade civil no Brasil, trabalhando em visitas temporárias a São Paulo e em viagens de campo ao redor da região megaurbana, em que vi, li e aprendi sobre os dois circuitos da economia que operavam na maior das regiões do Brasil.

Encontrei Milton em várias ocasiões nas reuniões internacionais. Ele era um homem alegre e brincalhão, cujas conversas estavam repletas de ricas ideias intelectuais. Milton merece mais reconhecimento internacional do que o IGU o reconheceu, com o prêmio Internacional Vautrin Lud. Reconheci isso no meu discurso de agradecimento para o mesmo prêmio em 2011. Acho que ele é muito importante, porque foi um dos primeiros geógrafos do Terceiro Mundo a romper as paredes da fortaleza da geografia anglo-saxã. Com geógrafos franceses não tinha problemas. Talvez você queira entrar em contato com Chris Gerry que traduziu “L’espace” para o inglês, creio que a única forma seja pela web. Eu estou à disposição para responder a quaisquer dúvidas que possa ter sobre o seu trabalho. Eu só gostaria de ter sabido e ter podido aceitar seu convite para pegar “caranguejos” em Recife. Com calorosas



saudações e os melhores votos para o seu projeto. Atenciosamente.

Acatamos a sugestão dada por Terry McGee (2013) e conversamos com o economista Christopher Gerry (2013), atualmente em Portugal, no Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD). Aqui reproduzimos exatamente as questões e respostas:

1. Qual o impacto, para o senhor e para os demais geógrafos na época, da obra que traduziu para o inglês? Vários geógrafos como o Dr. Terry McGee, Dr. Carles Carreras, Dra. Saskia Sassen (entre outros) têm utilizado essa obra até hoje em suas aulas e pesquisas, sempre com novas abordagens e ideias. Por acaso não sou geógrafo, mas, sim, um economista de desenvolvimento e, na altura de realização da minha tradução de *L'Éspace Partagé* para a língua inglesa, julgo que a obra de Milton Santos foi considerada no mundo francófono (pois o livro foi escrito, originalmente, em francês), mais uma contribuição aos “Estudos do Desenvolvimento” em geral do que, especificamente, à geografia urbana. Curiosamente, efetuei a referida tradução em paralelo com a preparação da minha tese de doutoramento sobre a economia dita “informal” numa grande cidade africana, a saber, Dakar, em Senegal. A minha tese não somente se beneficiou bastante do ato de tradução, mas também acho que a qualidade da minha tradução se beneficiou do fato de que a minha pesquisa estava a incidir exatamente sobre a problemática que Milton Santos tinha escrito.

Convencionalmente, o tradutor não interfere com as intenções do autor do original, mas, neste caso, foi-me possível atualizar alguns dos dados apresentados pelo autor e até tornar mais claros alguns dos conceitos por ele mobilizados. Para mim, a interação mútua entre a minha própria pesquisa (sobre as dinâmicas de emprego e da pobreza numa cidade africana) e as reflexões teóricas, conceituais e empíricas de Milton Santos (sobre os mesmos processos, numa óptica comparativa) foi uma experiência intelectual sem precedentes. Não me espanto rigorosamente nada que, ao longo de várias décadas, o

livro tem sido utilizado em numerosíssimos cursos universitários, por especialistas prestigiosos nesta matéria, para esclarecer aos estudantes que a interação entre a pequena produção de mercadorias realizada pelas camadas mais pobres da população urbana nos países em vias do desenvolvimento, e o sistema capitalista (tanto na sua versão dependente nos países em vias do desenvolvimento, como na sua forma hegemônica nos países avançados) não se trata de uma justaposição dualista entre sectores “formais” e “informais” distintos, mas, sim, de uma interdependência íntima e funcional – embora assimétrica – entre o sistema dominante e um subsistema subordinado às dinâmicas e à acumulação do capital.

2. O que pensa relativamente à grande abrangência do pensamento de Milton Santos (no Brasil, por exemplo, áreas diversas, como Enfermagem Social e as Ciências da Comunicação, utilizam as teorias de Milton Santos)?

Repetindo uma ideia implícita na minha primeira resposta, julgo que é demasiado redutor considerar Milton Santos como geógrafo.

O fato que a sua pesquisa ter incidido sobre uma vasta panóplia de questões econômicas, sociais e políticas, e que as suas conclusões têm sido aplicadas posteriormente em variadíssimas áreas científicas são provas inegáveis que a sua visão transcendeu as fronteiras da geografia no sentido restrito da designação. No entanto, o nome de Milton Santos consta numa lista relativamente restrita de investigadores que, paulatina e irrefutavelmente, tornaram a dimensão espacial fundamental para toda a ciência social.

Na viragem do século XIX-XX, Alfred Marshall obrigou os economistas a integrar a dimensão espacial nas suas teorias e estimulou reflexões que levaram ao desenvolvimento de conceitos tais como o distrito industrial e o cluster. Mais recentemente, no mundo anglófono, geógrafos como Ash Amin e Nigel Thrift (na Inglaterra), Georges Benko (na França), entre muitos outros, também obrigaram cientistas sociais, em geral, a integrar devidamente a dimensão espacial nas suas visões teóricas e nas suas propostas para adequar as políticas nacionais,

regionais e locais mais às necessidades das pessoas e menos às exigências do capital.  
P.S. Gostaria de ter o contacto de Terry McGee, se for possível.  
Com os meus melhores cumprimentos (GERRY, 2013).

Complementa ainda este tema o testemunho de Michel Rochefort, para quem a obra *L'espace partagé; les deux circuits de l'économie urbaine des pays sous-développés* “pode ser considerada obra pioneira e ponto de partida para muitas reflexões que se seguiram” (SOUZA, 1996, p. 127). Em seguida, faz um breve resumo dos dois circuitos já citados (superior e inferior) indicando como a mesma modernização que traz crescimento também agrava a pobreza no terceiro mundo.

Ferreira reforça as impressões sobre essa obra, quando afirma que ela “inaugura um novo pensar sobre o urbano, trazendo perspectivas diferentes aos estudos da cidade”, nas quais a cidade em países subdesenvolvidos não pode ser considerada “uma réplica do mundo desenvolvido nem uma transição (SOUZA, 1996, p. 133)”. E conclui:

não é apenas um trabalho que inovou ou que foi original, mas que atravessou o tempo e permanece atual, permitindo a partir dele o avanço do entendimento crítico da cidade e da modernidade (SOUZA, 1996, p. 137).

Já Carles Carreras i Verdaguer (2013), professor da Universitat de Barcelona, quando questionado sobre a influência atual da obra de Santos na Espanha, relata:

Milton Santos foi conhecido muito tarde na Catalunha, quando esteve exilado na França e na publicação do seu livro sobre a urbanização e a economia nos países do Terceiro Mundo. Nós estamos trabalhando cada vez mais com as ideias do Milton. No ano retrasado, recuperamos o texto dos circuitos e organizamos um seminário em cima dele. Agora, para um seminário em Nápoles [2013], tento apresentar os dois circuitos aplicados para o consumo. O problema é que a Maria Laura [Silveira] vai estar

lá e vai me criticar... Na matéria de Teoria da Geografia da graduação [na Universitat de Barcelona, curso de geografia], Mercedes [Marin Ramos] trata do livro “Natureza do Espaço” e os alunos costumam organizar os seus TGI com os sistemas de objetos e ações, proposto nesse livro. Ficamos cada vez mais convencidos da importância teórica do Milton na nossa pobre Geografia. Na Espanha, onde também se viveu uma prolongada ditadura militar, valorizamos muito o papel de Milton Santos, pois, quando voltou ao Brasil, atuou como um grande incentivador e crítico da geografia brasileira, estimulando o crescimento e a capacidade de explicação das realidades vividas.

A socióloga estadunidense Saskia Sassen (2013), em sua resposta via *e-mail*, lembrou seu primeiro encontro com Milton Santos, em um encontro de geógrafos em Ouro Preto, em Minas Gerais, na década de 1990.

Eu sou uma grande admiradora de seu trabalho e foi uma grande experiência conhecê-lo, então com seu filho, em Ouro Preto, em algum encontro nacional de geógrafos brasileiros, muito tempo atrás (SASSEN, 2013, on-line).

Na ocasião, assistiu várias comunicações dadas por Milton Santos com bastante interesse, visto que, na época, estudava a cidade de New York e, nos EUA, a economia global era pensada apenas no circuito superior da economia. Além disso, havia um discurso corrente sobre o fim da geografia e dos lugares para pensar a economia global. Dessa forma, o estudo dos dois circuitos propostos por Santos é importante para compreender o movimento global, visto a materialidade única de cada cidade, afirma a socióloga. Daí decorre o conceito de *cityness*<sup>2</sup> para aquelas urbanidades que não cabem no modelo ocidental, pois é preciso ir além do espaço construído e ver o uso que é feito dele.

No que tange a comunicação, “a digitalização de numerosas atividades econômicas causa o seu impacto específico sobre a desagregação da territorialidade e a descentralização

da soberania”, completa Sassen (2013, on-line).

Pensar atualmente a demanda do consumo comunicacional, tendo por base os dois circuitos propostos, pode ser (um) indicador do papel dos vários lugares e suas ofertas consumíveis do setor inferior, auxiliando e colaborando com o circuito superior e moderno. Tomemos, rapidamente, o exemplo das rádios de frequência AM sendo transformadas em FM para veicularem em aparatos móveis. Ou seja, fica aberta a possibilidade de substituir o “radinho de pilha” pelo telefone móvel ou outro aparato ainda mais híbrido.

Ainda no tema do consumo, pode-se analisar as várias áreas mercantis das cidades tendo em conta os dois circuitos. Shoppings e suas aglomerações urbanas, mercados municipais tradicionais, shoppings como “âncoras” de condomínios. Como indica Santos (2003, p. 133), no circuito inferior “o consumo de subsistência inclui um grande número de mercadorias e serviços”. Certamente, parte da “subsistência” está relacionada aos insumos comunicacionais que são comprados e acessados pelas classes para a manutenção da vida diária (TV a cabo, internet, *chips* de telefones, telefones Dual SIM, rádios).

Também Carpio Martin (1996), da Universidad Complutense de Madrid, quando analisava as telecomunicações para o desenvolvimento local, em 1996, aponta a sua importância, assim como a desarticulação promovida pelo capital internacional que impõe a sua lógica territorial nos locais. Com base nas análises feitas naquele período, inferia que

a análise das tendências das novas tecnologias da informação permite prever o desenvolvimento do teletrabalho, o tele-ensino e outras aplicações com efeitos na organização do território (CARPIO MARTIN, 1996, p. 145).

Tema recorrente quando relacionado a Milton Santos é o da globalização. Isso motivado, principalmente, pelo livro *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*, lançado em 2000.

Na obra, Santos define a globalização a partir de três polos, reafirmando a globalização como fábula, a globalização

como perversidade e a globalização possível. Isso em um período, definido como técnico científico informacional, com grande carga de ciência, tecnologia e informação como estruturadores do espaço. Dois aspectos, a nosso ver, merecem destaque como característicos da obra *Por uma outra globalização* e poderiam ser vistos como uma espécie de relação dual problemática/solução: 1) o forte cunho crítico, especialmente quanto ao problema da tirania informacional e do capital como sustentáculos de uma realidade socioeconômica e política insustentável, em que o progresso técnico beneficia a poucos em detrimento de muitos, e os estados, por seu turno, não se mostram aptos para promover a regulação da vida coletiva; 2) a semente de esperança — devido às reações atualmente realizáveis na Ásia, África e América Latina, e na mobilização das camadas populacionais mais pobres — de que haja uma transformação, um processo que culmine em uma outra globalização.

Carles Carreras i Verdaguer (2013) pondera que:

No tema globalização, eu diria que o Milton foi um dos primeiros geógrafos de esquerda ou críticos, como você quiser, que aceitou a ideia. A tradição francesa era para a mundialização que é outra coisa. Ele não só aceitou como desenvolveu o esquema teórico interpretativo baseado na concepção do meio técnico-científico informacional e na unicidade da técnica. O seu aporte das horizontalidades e verticalidades tem sido revelador. Só a partir desse aceite e da conceitualização, ele pôde fechar a sua obra com aquele livro 'Por uma outra globalização', que não é negativo, mais positivo e alternativo, e profundamente geográfico. Claro que o tema dá para muito mais do que essas minhas pobres palavras, mas fica para mais tarde, se você quiser.

O cientista social e filósofo Cristiano Procentese (2013), que esteve no Brasil em 2003, para aprofundar os seus estudos sobre a globalização e o subdesenvolvimento, reconhece que, naquela ocasião, ocorreram seus primeiros contatos com a obra de Santos. Quando perguntamos sobre a globalização, afirmou:

Um dos mais duros críticos da globalização e do chamado pensamento único foi Milton Santos, um dos maiores pensadores brasileiros do século XX. Na verdade, o geógrafo brasileiro não era contra a globalização, mas contra o mal modelo imperante da globalização no mundo, que ele chamava de “globalitarismo”. Analisando as contradições e os paradoxos deste modelo econômico e cultural, ele viu a possibilidade de construir outra globalização mais justa e mais humana. Em seu livro “Por uma outra globalização” (2000), Milton Santos explica como a globalização pressupõe um conjunto de processos acelerados de ordem econômica, tecnológica, informacional e social em geral. Esses processos representam, por um lado, a expansão das interdependências de todos os tipos ao redor do planeta, mas, ao mesmo tempo, uma consciência crescente dos problemas globais. Entre os problemas está o crescente desequilíbrio da economia global, a degradação ambiental e os comportamentos caracterizados por racismo e falta de aceitação da diversidade cultural no mesmo espaço de vida. Na verdade, ele estava convencido de que a globalização não iria durar, porque, em primeiro lugar, não é a única possível, segundo, é perversa e, finalmente, tem uma finalidade específica. De fato, as organizações e os indivíduos que competem pelo poder, os empresários, para expandir o mercado. Paradoxalmente, o objetivo do mercado é o próprio mercado. Compra-se para vender e vende-se para comprar. Os bens já não se trocam por seu valor de uso, mas pelo valor de troca. Além disso, vinte anos de neoliberais aplicados aos países em desenvolvimento, as políticas econômicas produziram resultados decepcionantes. América Latina, a região que mais aplicou as receitas do “Consenso de Washington”, ou seja, o livre comércio, a desregulamentação de preços e privatização, entre outros, registrou um crescimento extremamente baixo e volátil. Entre as antigas economias socialistas da Europa Oriental e da antiga União Soviética, poucos recuperaram os níveis de produção real anteriores a 1990. E na África subsaariana, os programas de ajuste exigidos pelo FMI e pelo Banco Mundial não tiveram quase nenhum efeito positivo. Deveríamos, como nos indica Milton Santos, reconstruir o novo ao invés de

E assim se passaram 20 anos

salvar o que já não pode ser salvo (PROCENTESE, 2013).

Somente um processo de globalização que seja concebido de baixo para cima, e cujo alvo não seja a classificação entre forças dominantes, poderá conduzir a uma prevalência de interesses nas questões mais relevantes de ordem social, cultural, política, econômica e moral.

Complementando os depoimentos com a reflexão feita por Lucrecia Ferrara (1996, p. 383-389), que constrói sua análise com base na crítica de Santos sobre a inversão do local pelo global, ela pergunta: “mas essa inversão de clara matriz ideológica, que emana do local ou do global, não teria também como base uma representação? A do discurso?”. A conclusão leva-nos ao que ela considera o centro da teoria de Santos: a informação. Assim o é porque, como Santos afirma, quem comanda os objetos é a informação, e eles mesmo são informação para e nos objetos, aumentando a complexidade do espaço.

Comunicação horizontal e vertical, local e global, a primeira como resposta à aceleração contemporânea. Complementa Ferrara (1996, p. 385):

A diversificação do plano informacional levaria, na dinâmica específica e não determinada dos lugares, à ampliação comunicativa, que passaria a ser uma representação local do plano técnico-científico informacional.

A esse respeito, parece-nos coerente pensar com Milton Santos (2000, p. 167):

a Mídia trabalha com o que ela própria transforma em objeto de mercado, isto é, as pessoas. Como em nenhum lugar as comunidades são formadas por pessoas homogêneas, a Mídia deve levar isso em conta. Nesse caso, deixará de representar o senso comum imposto pelo pensamento único.

Veja-se que a mídia, ou o organismo midiático, faz-se valer do que impera no senso comum para fundamentar



e justificar sua postura e atitude imperialista ou de monopólio e controle informacional. Destarte, consegue-se impor um entendimento, de modo que este se pareça natural e, assim, acabe sendo assimilado e acatado por uma ampla maioria. A história está repleta de exemplos em que a tecnologia informacional, ou o que havia e era assim entendido, foi utilizada com o objetivo de fomentar aprovação coletiva.

Essas características citadas configuram o que Santos chamava de “globalização como fábula”, à qual ele se opunha. Quando perguntado por José Correa Leite por que ele utilizava os termos fábula e perversidade (SANTOS et al., 2000, p. 13), elucidou:

Eu parto do pressuposto – talvez a vida me tenha ensinado – de que uma coisa é você ter ideias e outra é a forma de exprimi-las. O trabalho intelectual não acaba com a produção de ideia, há que se buscar as palavras que levem a perguntas como essa. E são poucos os que perguntam e muitos os que repetem. Então é preciso escolher as palavras fortes que produzam o discurso da mudança, que convoquem as pessoas a entrar na corrente “do contra”. Mas a globalização é fábula porque quando nos falamos sobre a “aldeia global” querem dizer que todos sabem o que passa no mundo. Hoje os jornais dão como manchete que, em dezembro de 1999, a indústria cresceu, mas não noticiam que a inflação aumentou na primeira semana de fevereiro de 2000. Há toda uma fábula, sem a qual a globalização não se mantém. Ela só se mantém em função da fábula.

Essa entrevista com Santos é esclarecedora dos detalhes de seu pensamento sobre a globalização que, uma década após o lançamento do livro, ainda suscita debates, principalmente no que se refere ao tema do papel da mídia e das comunicações na globalização.

Pode-se notar, pela crítica de Santos, que o fascínio da e pela Comunicação se dá por sua capacidade de encurtamento do espaço, aceleração do tempo e otimização do movimento, e é exercido sobre a maioria das pessoas em maior ou menor grau. Justamente por ter toda essa capacidade e, necessariamente,

permeiar todas as relações, a Comunicação se mostra capaz de ao mesmo tempo em que se conhece seu lado pernicioso ainda granjear algum prestígio, mesmo porque não se pode ignorar seus benefícios à vida cotidiana prática. Poder-se-ia conceber a Comunicação, enquanto área científica, como uma espécie de catalisador entre as demais áreas. Geografia e Comunicação mais uma vez têm sua inter-relação evidenciada<sup>5</sup>.

A pesquisadora Maria Laura Silveira, ex-aluna e grande colaboradora de Milton Santos em diversas oportunidades, inclusive na sua obra sobre o território brasileiro (SANTOS; SILVEIRA, 2001), complementa nosso ponto de vista quando, entrevistada em 2008, aponta a apropriação das teorias. Assim responde a duas questões que nos interessam diretamente:

EG - As obras do Professor Milton Santos se tornaram umas das mais estudadas, principalmente pela Geografia Humana, como você vê a apropriação dos estudos de Milton Santos?

ML – Acho que tem várias coisas aí. Uma é que a obra do Professor Milton extrapolou a Geografia e a Academia. O que é interessante e raro também, porque é um autor que é lido fora da nossa disciplina e, inclusive, fora da academia. Isso é muito importante. São ideias não apenas circunscritas aos limites de uma disciplina institucionalmente estabelecida, pois ajudam a entender o mundo e suas transformações e, por isso, acabou por despertar certo interesse fora da disciplina. E na Geografia, embora não me debrucei sobre o assunto, tenho a impressão que mais recentemente houve uma maior difusão da obra do Professor Milton, inclusive da teoria e da obra como tema de pesquisa. Me parece que sua teoria está se tornando mais conhecida... Mas, como toda teoria, é datada e, hoje, estamos assistindo a concreção histórica de várias tendências que o Professor anunciou o que torna a teoria ainda mais aplicável. Muitas das coisas que ele anteviu como tendência, vemos agora como realizações históricas.

EG – Dentro dessa operacionalização, a Professora percebe que setores da sociedade que têm se debruçado mais sobre essa difusão e essa operacionalização das obras do Professor Milton Santos?

ML – Acho que além de nós geógrafos, também a mídia tem um papel. Evidentemente isto é também um risco porque pode deformar ou simplificar o pensamento. Mas quando o Professor Milton começa a escrever sistematicamente matérias para jornais de grande circulação, seu pensamento atingiu um novo patamar de divulgação. Ele mostrou que o Brasil podia ser entendido a partir do território. Então a ideia do território como o espaço banal, o território de todos os atores independentemente da sua força, entrou de alguma maneira no debate geral da Nação. Acho que isso foi importante. Creio que agora, mais recentemente, o filme do Silvio Tendler [Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá, 2006] também tem um papel significativo na difusão da obra. Entretanto, temos que tomar um certo cuidado pois, como sempre que se trata de um grande pensador, não podemos perder a leitura de primeira mão, a leitura do próprio autor, porque quando uma teoria se difunde o risco é pegar leituras de segunda ou terceira mão. E, também, rapidamente aparecem os pretensos tradutores da obra dos grandes pensadores, então precisamos voltar às fontes. A obra dele é vasta e, portanto, alguns livros e artigos foram mais conhecidos que outros, o que é natural. Mas nós geógrafos não podemos perder de vista o conjunto da obra, não ficar só com um livro ou só com um artigo. Evidentemente que as coisas mais recentes que ele escreveu podem nos resultar mais inspiradoras, porque explicam nosso período, mas precisamos ver a obra inteira, porque cada texto buscou entender um momento histórico e tudo é igualmente inspirador (SILVEIRA, 2008, p. 1-2).

Atendendo, ainda que de maneira parcial, à solicitação de Maria Laura Silveira sobre voltar à obra mais antiga, podemos aqui indicar dois textos importantes para pensar a abrangência de Santos para a comunicação. Escolhemos dois textos que completam 60 anos, os quais apresentamos a seguir.

No ano de 1953, visando participar de um concurso para livre docente na Universidade Federal da Bahia, Milton Santos inscreveu-se com a tese *Os Estudos Regionais e o futuro da Geografia* no qual analisava desde o objeto da geografia até

a importância do conceito de totalidade para a compreensão da dinâmica regional (SANTOS, 1953).

Na mesma linha temática, apresentou o texto *Classificação funcional dos jornais brasileiros - as regiões jornalísticas* no IV Congresso Nacional de Jornalistas, de Belo Horizonte, em setembro de 1955, que, posteriormente, foi publicado no Boletim da ABI, da Associação Bahiana de Imprensa, ano V, n. 55, em 10 de março de 1956 (SANTOS, 1956). Neste texto, propõe uma hierarquia para a regionalização da mídia, de alcance local ao internacional, tendo como objeto os jornais brasileiros daquele período.

Ainda que os textos versem sobre a metade do século XX, parece-nos oportuna sua utilização como instrumento de reflexão, apresentando e atualizando as teorias propostas pelo autor e, simultaneamente, homenageando as obras se-xagenárias citadas e, evidentemente, seu autor. Nessa atualização, cabe repensar os conceitos tendo como base o recorte geocomunicacional que compreende o geográfico para além da localização em si mesmo, mas abarcando a dinâmica espacial, a noção de espaço que possibilita compreender a região como um recorte espacial e, com isso, os papéis desempenhados pelas mídias.

No que tange às mídias, elas podem ser compreendidas em seu papel tanto como objetos quanto como ações, que, em conjunto, indissociáveis, definem o espaço geográfico, o espaço de todos, conforme indica Santos (1996, p. 11-13).

Esse diálogo temporal entre as obras do autor ajuda a refletir as transformações processadas no entendimento do próprio Brasil, nos anos 1950, buscando a modernização industrial, a afirmação no capitalismo internacional e, no final do século XX, assumindo a globalização, com as possibilidades existentes e uma regionalização do capital, da cultura, da informação, entre outros setores da vida cotidiana bastante diferenciados. Assim, os tempos diferem para diferentes espaços e as velocidades regionais trazem papéis distintos ao processo de globalização.

## Os Estudos Regionais e o futuro da Geografia

A obra de Milton Santos sobre os estudos regionais apresentava uma preocupação geográfica sobre o Brasil que iniciava os primeiros anos da década de 1950 buscando uma modernização industrial e urbana, ainda em potência, mesmo para áreas mais desenvolvidas como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo.

Contudo, para tal compreensão da realidade nacional, a proposta teórica era a desenvolvida por pensadores franceses. Cunhado pelo historiador Lucien Febvre, o termo “possibilismo” servia para diferenciar e rivalizar a escola francesa da escola alemã, que propunha, nas elaborações do geógrafo Friedrich Ratzel, que o meio natural determinava o homem e o espaço precisava ser organizado como garantia de vida – isso implicava aceitar um determinismo geográfico e um espaço vital. Politicamente, o conceito de determinismo geográfico justificava, por intermédio da ciência, as práticas da superioridade racial de um povo sobre outro e o de espaço vital, a busca de maiores recursos para garantir a vida, ou seja, o expansionismo. Coube ao determinismo geográfico legitimar as ações de expansão e anexação, no final do século XIX, quando da unificação alemã.

Os seguidores de Ratzel chegaram a postular que, quanto maior o desafio imposto pelas condições naturais a um grupo, mais desenvolvido seria o desenvolvimento dele, pois o homem é um produto do meio. Isso explicaria, e justificaria, a invasão e colonização pelos países europeus adiantados (dado o inverno rigoroso) nos países tropicais atrasados (considerados indolentes e preguiçosos devido ao clima quente).

O possibilismo geográfico foi a teoria elaborada por Vidal de la Blache e postulava a influência do meio natural sobre os homens, mas indicava que eles tinham possibilidade de utilizá-la como recurso, nela estando as condições de melhoria da vida humana, sendo o homem o principal agente geográfico.

Assim, propõe o conceito de gênero de vida, mostrando que o homem não está determinado e preso às condições naturais, mas possui um cabedal técnico-científico considerável, além de instituições e práticas sociais que tornam os grupos sociais aptos a utilizarem os recursos naturais existentes.

Dessa forma, os estudos regionais são entendidos como essenciais para comparar e compreender os critérios de semelhanças e diferenças entre os lugares utilizando-se de um método descritivo das regiões do planeta. Entre os pilares dessa epistemologia da geografia regional estão Vidal de La Blache e Richard Hartshorne. O primeiro, com base no positivismo de Augusto Comte, traz o cientificismo baseado nas ciências naturais, a neutralidade dos estudos e o historicismo que criticava os conceitos de Hegel (ideia, razão e espírito) e a história universal como resultado das relações entre culturas e individualidades (CAPEL, 1988, p. 268-273). Já o segundo, Richard Hartshorne, baseado no Neokantismo de Wilhelm Windelband, criticava tais posicionamentos e retomava Kant na sua proposta de uma história a partir da relação lógico-formal,

num tratamento teórico da história, na medida em que esta se encontrava submetida à exigência de rigor do método científico; caberia a Windelband, portanto, realizar nas ciências humanas a tarefa que Kant havia executado com a matemática e as ciências naturais (WU, 2010, p. 175).

De posse disso, o livro de Milton Santos, que pretende indicar um futuro para a geografia mediante os estudos regionais, parte para o entendimento da própria geografia como uma ciência autônoma e não um mero “ponto de vista” ou “uma maneira de ver as coisas”, como Santos indica que Delgado de Carvalho<sup>4</sup> assim a entendia. Nessa defesa do conhecimento geográfico, o autor afirma a complexidade dos estudos dessa ciência e sua preocupação com o todo:

o fato geográfico é uma síntese e seu estudo tem, por força, que ser um estudo analítico, no qual se buscam reconhecer as relações recíprocas, de causa e efeito ou de simples interdependência, mantidas

mutuamente pelos elementos de um precipitado (SANTOS, 1956, p. 13).

Ou, citando Pierre Gourou<sup>5</sup>, “é no estudo das relações que se observa a originalidade da Geografia” (SANTOS, 1956, p. 18-20).

O capítulo II do livro é intitulado “O papel da Geografia Regional”. Vale citar que, na busca de conceitos e categorias que possibilitem dar conta do real, o geógrafo entende que a definição de complexo, no lugar de conexão ou combinação, era mais apropriada para o tratamento de seus temas e objetos, visto não abarcar a economia e ser muito rígida. Lembrando Gallois (SANTOS, 1956, p. 26-7), outro geógrafo francês, apesar das condições naturais, era necessário considerar a posição, facilidades de comunicação e um conjunto maior de causas para determinar a vantagem, ou não, da região.

O próprio Santos reafirma a importância da técnica desenvolvida naquele período como facilitadora da transformação das condições impostas pela natureza. Por isso, as organizações humanas são tão distintas e produzem, reproduzem e valorizam diferentemente o espaço disponível. Dessa forma, cabe à geografia estudar como os grupos e suas organizações regionais marcam o planeta Terra. E conclui:

É essa realidade que se deve, principalmente, dirigir o estudo geográfico. Operação de análise, a investigação geográfica tende a verificar a síntese, que é o fato geográfico, quais são os seus componentes e como entram em combinação. É a geografia regional que se incube dessa análise, em um determinado espaço, “in concreto” e de maneira global... A geografia Regional nos parece, pois, como a cúpula de todo estudo geográfico, geografia sem adjetivos, geografia “tout court”... O futuro da geografia, parece-nos ocioso dizer, está, sem dúvida, no progresso dos estudos regionais (SANTOS, 1956, p. 32-3).

Posto o futuro da geografia, coube ao capítulo seguinte a demonstração da “Evolução do Conceito de Região”, ao que Santos divide em Regiões Naturais e Humanas, definindo a primeira como aquela onde os componentes físicos são mais

valorados e combinam entre si. Daí a possibilidade de separar o Brasil, por exemplo, nas cinco regiões, conforme fez o IBGE, em 1941. Já relações mais complexas, recíprocas, dependentes e influenciando-se mutuamente nos territórios são conceituadas de Regiões Humanas.

De posse das definições e conceitos, cabe ao geógrafo apresentar os problemas que os estudos regionais podem ocorrer. Os chamados quadros pré-estabelecidos são o principal dos problemas, pois levam o pesquisador a buscar coincidências entre regiões e estas, como sabido, não existem. Tais quadros também podem implicar não em regiões, mas em divisões que mascaram a realidade geográfica, a realidade integral. O caminho inverso é aceitável, ou seja, primeiro estudar o espaço e, posteriormente, dividi-lo. Porém, região não é um dado estanque e pacífico, ao contrário, o dinamismo não permite que seja definida *ad eternum*, cabendo sempre reconsiderar suas bordas e fronteiras.

O caráter prático da regionalização tem sua relação com o apreender/ aprender um espaço, assim, um caráter didático. Mas, também, de planejamento governamental e, posteriormente, empresarial e comunicacional, o que autoriza ao geógrafo um esforço de limitar e fixar as regiões e seus limites linearmente.



## Classificação funcional dos jornais brasileiros – As regiões jornalísticas

*Qual foi a sua primeira posição política?  
Foi a de redator principal do jornal.*

**Milton Santos**

O artigo que leva o título e foi apresentado por Milton Santos em um congresso nacional de jornalistas procura mostrar e responder, pelo estudo empírico, primeiramente as escalas dos jornais brasileiros no meio do século XX e os desafios que se mostram aos pesquisadores ao se considerar a regionalização como um processo sempre incompleto.

Iniciando com um contexto dos primórdios da produção e consumo dos jornais, já aponta para dados importantes, seja para a circulação com os meios de transporte – e comunicação, evidentemente – que se fazia em rotas nem sempre fáceis de percorrer até, senão democratização, ao menos ampliação de leitores com a diminuição do analfabetismo. Os jornais tinham uma abrangência e profundidade reduzidas, já que abarcavam porções menores dos territórios, conformando regiões igualmente reduzidas. O desenvolvimento da técnica e das tecnologias trouxe também jornais em escalas mais abrangentes, nacionais e internacionais, por exemplo, e Santos sugere para suas análises que se faça uma distinção

necessária entre a notícia e o jornal. Aquela tem asas: transmite-se pelo jornal, mas também pelo fio, ou sem ele, pelo éter. Não tem outra limitação que a das diferenças de língua. Os jornais, porém, encontram resistências na sua expansão (SANTOS, 1956, p. 1).

O autor assinala a limitação do jornal e a dinâmica da notícia, afirmando as várias possibilidades de sua disseminação no mundo moderno com a garantia da “instantaneidade” de um ponto a outro do planeta, apenas sendo ajustada sua

tradução e momento de ir ao grande público. Já o jornal é mais limitado, inclusive no tempo, por ser editado com prazo de 24 horas entre um e outro, tendo obrigação de chegar aos leitores de uma região diariamente ou perderá seu público-alvo para o concorrente que assim o fizer.

Decorre dessa característica a própria definição de região jornalística, a saber: o “domínio da notícia é o mundo. Enquanto o jornal tem o seu domínio limitado, atuando numa determinada área” (SANTOS, 1956, p. 2). Aqui as vias físicas, de transporte terrestre e comunicação, concorrem para o sucesso ou fracasso dos jornais de caráter nacional que podem ou não chegar aos destinos mais interioranos no mesmo dia. Na falta dessas vias terrestres, o custo do jornal enviado por via aérea encarece demasiadamente o preço final e o “envelhecimento das notícias”. Para os jornais estrangeiros vendidos no território nacional, sobretudo nas grandes capitais, as datas atrasadas podem não ser fatores da compra ou não, nesse caso, as notícias e curiosidades são fatores de atração dos leitores.

O autor faz uma afirmação sobre o consumo em geral e o consumo diário das notícias e jornais, que ainda caberia hoje aos portais e jornais eletrônicos quando diz que

O homem urbano do século XX, talvez porque ensinado pela propaganda, não gosta de variar. Acostumou-se ao produto standard. É uma das taras de nossa época... Ainda no que se refere a jornais o axioma é verídico. E não há como manter-se em circulação um jornal que chegue dias sim, dias não a determinada cidade. Seu destino é deixar de ter leitores, que logo procurarão substituí-lo por outro, que diariamente esteja à sua mão e atenda à trepidação, à urgência dos dias modernos (SANTOS, 1956, p. 2).

Com essa constatação, pode-se entender como os jornais formam e são distribuídos em regiões, zonas e subzonas jornalísticas. Algumas maiores, outras menores, como o próprio Santos (1956) refletia, com os quadros pré-estabelecidos ou divisões que mascaram a realidade geográfica. Essas três escalas do fazer jornalístico citadas são heterogêneas, muitas

vezes, intersectadas ou imbricadas umas com as outras.

Assim entendido, é possível partir para uma “classificação funcional dos jornais brasileiros”, iniciando com os nacionais. Na década de 1950, por muitas cidades não contarem com aeroportos, os jornais da capital da República, então o Rio de Janeiro, dificilmente circulavam no interior. “O seu maior interesse, fora da metrópole, reside na política nacional ou na política econômica do país” (SANTOS, 1956, p. 2).

Por outro lado, os diários provenientes das capitais estaduais e regionais têm durabilidade maior e tratam de temas de interesse geral e da política estadual que atrai maior número de leitores, ainda que estes não o consumam quando já passados vários dias de sua publicação. Podem também atingir capitais de outros estados.

Para a escala local, os jornais podem ser semanais ou diários, registrando fatos e acontecimentos da vida imediata das cidades, municípios que circunscrevem uma região de atuação, ocupando boa parte das edições. Interesses e recursos econômicos e financeiros podem criar uma “vontade regional” e surge, então, o diário da região. O volume aplicado nessa “vontade” vai determinar se será diário, semanal, mensal ou mesmo se deve existir essa fonte de informação na região.

Mais uma vez, no esforço de compreensão da realidade brasileira:

Distinguiríamos, assim, então, num país como o nosso, em que a descontinuidade de transporte e a vastidão do território são um fato, pelo menos quatro categorias de jornais. O jornal nacional, ou supra-estadual, publicado na metrópole política ou mesmo econômica; o jornal estadual, editado via de regra na capital dos estados, centro das pulsações do organismo político e administrativo; o jornal regional; e o periódico local. Essas categorias são, na ordem decrescente, de jornais cada vez menos políticos, no sentido mais amplo de expressão, e cada vez mais interessados pelos problemas locais. Subindo na escala, verifica-se que cada categoria de jornal exerce uma função específica, dentro de determinada área, função que não pode ser preenchida por jornal de categoria superior. (SANTOS, 1956, p.3).

Vale ressaltar que o critério para classificar os jornais não está baseado na localização. O fato de estar na capital federal não lhe confere o estatuto de jornal nacional. Muitos são estaduais e até mesmo locais, atendendo às demandas noticiosas do distrito federal. Da mesma forma, outros podem ser nacionais e saírem de um estado, como acontece com alguns jornais paulistas que conseguem abrangência nacional em suas editorias, atraindo o interesse dos leitores de todo o país.

A conclusão desta apresentação remete a cinco itens, das quais destacamos a última que afirma:

O jornal de determinada categoria funcional não exerce concorrência sobre outro de categoria diferente uma vez que circulam paralelamente e cada qual com a sua missão específica. A concorrência se estabelece apenas entre jornais de igual categoria, ante a luta de um contra o outro pela conquista de uma área de expansão (SANTOS, 1956, p. 4).

### **Região e regionalização da mídia**

Nos dois textos apresentados, mesmo depois de mais de 65 anos de sua publicação e das grandes transformações pelas quais passou a comunicação (enquanto área do conhecimento) e toda a sociedade mundial, ainda temos subsídios para uma reflexão sobre os desafios da regionalização da comunicação em tempos de internet e redes, quando, utilizando a proposta de Santos, a notícia continua fluída e percorrendo rapidamente os vários suportes e os meios mais limitados.

Vale ressaltar que Milton Santos era bacharel em direito (1948), geógrafo por escolha de carreira acadêmica e, mesmo considerando uma suposta interdisciplinaridade, a verdade é que, quando apresenta seu *paper* no Congresso em Belo Horizonte, ele era um jornalista por profissão (1952-1964), tendo publicado cerca mais de uma centena de artigos no Jornal da Tarde, Ilhéus, Bahia (SILVA; SILVA, 2004, p. 10). Dessa forma, aproveitou a sua “tripla formação” para oferecer um estudo diferenciado aos jornalistas do evento, trazendo como contribuição um estudo da regionalização que avança a mera locali-

zação e propõe que relações econômicas, políticas e particularidades sejam componentes importantes para as análises.

Retomando o texto sobre o futuro da geografia, apesar do foco centrar em grande parte no empírico, oferece-se indícios para futuros estudos relacionando, por exemplo, comunicação-território, lugar e mídia (SERPA, 2011), comunicação e paisagem (NOGUÉ FONT; SAN EUGENIO, 2009). Desse modo, demonstra-se, mesmo de maneira panorâmica, que os estudos comunicacionais necessitavam de uma abrangência teórica, além dos conceitos-chave utilizados.

De certa forma, Milton Santos e Harold Innis (2011), pesquisando e teorizando em paralelo, um na América do Norte e o outro entre América Latina-Europa, ampliaram os estudos sobre o espaço enquanto categoria central do entendimento da sociedade, e as implicações de seus subespaços – região, lugar. Estes não possuem vida própria e, como vemos em muitos estudos na área da comunicação, não são meras abstrações quando estudada a parte da totalidade maior.

Outro equívoco que a leitura de Santos auxilia reconhecer e detectar nos estudos da área de comunicação é a consideração do lugar como menor que a região, como se a questão fosse apenas de extensão ou tamanho, e não das relações. Para utilizar os dois recortes feitos na obra, entre Região Natural e Região Humana e todas as variantes que apresentam para cada porção do planeta.

Pensar a regionalização da mídia traz, de saída, o desafio de definir os dois conceitos para a realidade que se estuda. No caso da mídia local/regional, esta mantém uma relação ora de aproximação, ora de distanciamento, com as mídias de maior vulto (inter)nacionais. Santos (1996, p. 195) definirá, posteriormente, o movimento político, econômico e midiático local como horizontalidades, e aqueles movimentos alheios ao local como verticalidades.

Assim entendidos, podemos aceitar que a regionalização da mídia é a relação de horizontalidades e verticalidades que os meios mantêm com a região, estando ou não presentes fisicamente nela. Isso implica aceitar, simultaneamente, as regiões naturais e humanas e sua empiria, e uma reorganização

espaço-midiático baseada em redes, pontos, nós e manchas nos territórios, todas inter-relacionadas e interdependentes, graças ao processo maior da globalização que afeta, de alguma forma, os territórios, ainda que as particularidades sejam mantidas, determinando a posição desse território no processo global.

Quando analisada a afirmação de Santos (2007, p. 74), “mídia, antes de ser comunicação é espaço”, para a questão da Região (entendida como um subespaço) e a regionalização da mídia (entendida como processo material de produção e reprodução, muito além da mera localização), teríamos assim um quadro amplo de regionalizações, ou seja, a percepção da região ligada à velocidade com que objetos, mensagens e ações comporiam com os demais fatores e atores certas particularidades, independentemente da localização.

Santos sempre foi contrário aos exemplos, pois afirmava que eles “amputavam a teoria e as pessoas tendiam a esquecer do debate teórico e se concentravam no exemplo<sup>6</sup>”, contudo, cabe aqui um esforço de imaginação para ver o leitor de um jornal local, portanto com abrangência restrita e conteúdo cotidiano, lendo pela internet, a muitos quilômetros de distância, as notícias daquela localidade e comentando algumas delas. Este poderia ser um exemplo tanto da abrangência como de uma reconfiguração e regionalização da mídia que não considera apenas localização. É outra percepção do espaço pela velocidade, reconfigurando o subespaço. Completando com Santos (2007, p. 75), teríamos que

Antes havia a contemporaneidade, mas nós não participávamos... essa nova situação muda a definição dos lugares: o lugar está em todo lugar, está dissolvido no mundo inteiro, graças a televisão, graças a instantaneidade. Temos ainda o satélite, que nos dá o movimento da Terra. É como se fizéssemos cinema; acompanhamos a Terra, o mundo... A totalidade se tornou empírica, não é uma criação do nosso pensamento.

Acrescentamos nessa constatação e análise também a região como partícipe da contemporaneidade midiática que

nos envolve. Talvez fosse o caso de iniciar estudos que completassem o quadro das análises regionais, ainda que tradicionais, da Região Natural, Região Humana e, agora, também Região Midiática, como um recorte necessário para compreender a totalidade proposta por Santos.

## Retomando as entrevistas – Falam as novas gerações

Apresentávamos anteriormente os textos da formação de Santos, importantes na sua carreira futura. Contudo, cabe também mostrar como as gerações mais novas pensam, refletem e se apropriam das teorias do geógrafo baiano. Conversando com André Pasti (2013), membro do grupo Geografias da Comunicação da Intercom e formado na Unicamp, este afirmou, quando questionado:

Para responder isso, preciso de uma mediação com a minha trajetória acadêmica - fui orientado durante a graduação e o mestrado pela Prof<sup>ca</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Bernardes, que foi do grupo de Milton Santos na FFLCH/USP. Participo de um laboratório na Unicamp, o GEOPLAN, cujos pesquisadores e alunos todos realizam pesquisas trabalhando a partir do legado teórico do Prof. Milton Santos.

Creio que há uma geração que não conheceu pessoalmente o professor, mas que vem trabalhando intensamente com sua obra. O legado teórico e as questões abertas por Milton Santos são extremamente atuais e operacionais para a compreensão do território brasileiro e do sistema mundo. Toda uma agenda de pesquisas vem sendo desbravada em diversos centros pelo Brasil.

Claro que há uma grande diversidade de tendências no pensamento geográfico na geração atual, e não ousaria medir, sem pesquisas, o quanto. Mas conhecendo diversos grupos distribuídos pelo Brasil que discutem e produzem ciência a partir do sistema teórico legado por Milton Santos, afirmo que é, sim, extremamente pertinente, operacional e explicativo, tendo destaque nas análises geográficas atuais.

Assim como o pesquisador da Unicamp, Sergi Martinez i Rigol, atualmente professor da Universitat de Barcelona (UB), no departamento de Geografia Humana, teve a oportunidade de conhecer pessoalmente Milton Santos, assim como partici-



par de investigações conjuntas entre a UB e a USP coordenadas por Santos. Afirma Martinez i Rigol (2013):

Estou muito satisfeito em responder as perguntas, ainda que com um pouco de atraso, porém, entre o início das aulas, os trabalhos de final de curso e o máster europeu dos estudantes e muitas outras coisas, os e-mails se acumulam...

Falar a respeito de minha geração é um pouco difícil, é melhor fazer referência a uma pequena parcela dela. No meu entorno mais imediato, a teoria de Milton Santos é conhecida pelos professores e alunos, utilizada e de grande relevância. Ela é explicada nas aulas e utilizada para a elaboração de trabalhos. Apesar disso, creio que há mais difusão das ideias dos autores ingleses, alguns com conceitos e teorias muito “parecidas”, e penso que possam ter, até, mais difusão. Sua obra é indubitavelmente multidisciplinar, sobretudo desde um ponto de vista teórico, incluindo em todas suas reflexões conceituais e teóricas, outros cientistas e pensadores de muitas outras disciplinas.

Um depoimento que merece ser relatado é o de Flávia Grimm (2011), hoje doutora pela Universidade de São Paulo, mas, nos últimos quatro anos de vida de Milton Santos, ela participou de seu grupo de pesquisas, inclusive como mestranda. Dessa experiência conta sobre o cotidiano do pesquisador, “Milton Santos sempre repetia que coordenava uma equipe de pesquisa, e não um grupo ou uma turma, o que evidenciava os compromissos que seus membros deveriam ter”, esclarece a ex-aluna. Das atividades em que participou, teve a oportunidade de trabalhar na realização do livro *Por uma outra Globalização* (2000), “seu conteúdo foi elaborado a partir da revisão de alguns artigos já publicados nos jornais Folha de S. Paulo e Correio Braziliense e de esquemas que foram ditados”. O ditado era a metodologia de trabalho preferida de Santos. Explica Grimm (2011, p. 139) que ele nunca utilizou um computador:

Aos poucos, entre outras atividades, coube a mim transcrever seus ditados, que resultavam tanto em artigos de jornais, quanto em livros. Essa operação

transcorria da seguinte forma: havia um primeiro ditado, que era, ao mesmo tempo, anotado e gravado em fita cassete; esse conteúdo era digitado (Milton Santos jamais se sentou à frente de um computador) e preparado para impressão com grandes entrelinhas para então ser trabalhado pelo geógrafo em sua casa. Ao retornar com o texto revisado, com anotações manuscritas, essa versão era corrigida e, dependendo do tipo de texto, retrabalhada duas vezes ou mais. Evidentemente, todas as versões eram cuidadosamente guardadas por ele... Seus últimos artigos publicados no jornal *Correio Braziliense* - *Fundamentos sem moral*, em 6 de maio de 2001, e *O intelectual anônimo*, em 3 de julho de 2001 - foram ditados em sua casa e atestam a mesma pertinência de ideias de trabalhos anteriores. A generosidade e o rigor de um grande professor, bem como sua postura como um intelectual público, foram o que mais me marcou nesses anos. Cabe a nós lê-lo para construir uma geografia capaz de analisar os problemas atuais e pensar o futuro, pois, como ele próprio afirmava, “toda teoria é revolucionária”.

Contribuição interessante para a discussão das ciências sociais e humanas, da relação comunicação e cidade, é a proposta pela pesquisadora catarinense/baiana Heloísa Araújo de Araújo. Ela parte do conceito de lugar utilizado por Milton Santos e trabalhado por seu coorientador Angelo Serpa na perspectiva miltoniana com *Mídia e Lugar*. Ocorre que Heloísa Araújo propõe uma leitura de Santos a partir da fenomenologia. Relembra a autora, em depoimento para a obra de Silva (2012, p. 147-150), que seu contato com Milton Santos foi na graduação em uma palestra em Florianópolis. Mas foi no mesurado, em contato com a publicação da conferência *Salvador, Centro e Centralidade na Cidade Contemporânea*, obra do início da carreira do geógrafo na Bahia, que ela se aprofundou no tema.

Na conferência, após indicar os momentos que considerava importantes nas transformações do centro de Salvador, ele começa a falar do papel da existência. Araújo é quem descreve:

Milton Santos também enfatizou que o Pelourinho pode ser estudado sob o enfoque fenomenológico ou existencial, quando “a experiência deve ser o ponto de partida” (SANTOS, 1995, p. 29). Assim, envolve a compreensão da experiência, como um fenômeno completo. E conclui que se “o espaço é a existência da sociedade (esta é a base da minha geografia existencial ou ‘existencialista’ para a qual caminho a passos rápidos), as formas de existir, que são interpretações das possíveis formas de ser de uma sociedade, se encaixam nos lugares...” (SANTOS, 1995, p. 24). Essa leitura, como várias de suas obras, foi essencial para que eu seguisse em frente na elaboração e conclusão da minha dissertação... como aporte teórico-metodológico, a Fenomenologia para a abordagem do lugar, de modo a descrever qual o significado do Pelourinho como lugar de vivência.

Voltando a Santos (1996), em sua obra *Natureza do Espaço: Técnica Tempo Razão e Emoção*, já desde o título a fenomenologia estava contemplada na valorização da emoção enquanto componente transformador na sociedade contemporânea. Ele pensa teoria como a “noção de emoração”, que é a relação entre a emoção e a razão e “encontra seu fundamento nessas trocas simbólicas” (SANTOS, 1996, pág. 256).

Emoção é o fundante da comunicação e, dessa forma, viver na era da comunicação é uma metáfora. Santos afirma serem os pobres, aqueles fora da lógica única do capital, quem se comunica. Denise Stoklos em seu espetáculo *Vozes Dissonantes*, de 2000, citava Milton Santos. Por isso, em março do mesmo ano, a *Folha de S. Paulo* reuniu os dois para uma conversa (editada pelo jornalista Valmir Santos) na qual Stoklos afirma: “Acho muito interessante, por exemplo, quando o senhor diz que não estamos vivendo uma época da comunicação, como se apregoa por aí, porque comunicação é emoção” (SANTOS; STOKLOS, 2000, on-line).

Ao que Santos (SANTOS; STOKLOS, 2000, on-line) complementa:

Esse aspecto mostra também a diferença entre o artista e o homem da universidade na direção da

verdade. O grande artista é livre e sabe que, se não houver emoção, ele não se aproxima da verdade. E o homem da universidade imagina que tem de reprimir a emoção para produzir. As ciências humanas, brasileiras e latino-americanas, acabam não interpretando os respectivos países porque olhamos para a interpretação que é dada a outra história. Como está claro no seu texto “500 Anos - Um Fax de Denise Stoklos para Colombo” (1982), por exemplo, a troca do espelhinho pelo ouro. Quer dizer, a gente busca se espelhar apenas e toma isso como se fosse uma riqueza intelectual. Seu trabalho no palco é uma cruzada. Minha impressão é que ele repercute algo que é profundo na alma brasileira e está buscando intérpretes... A cultura tem de vir com o território, com o povo, com a história se fazendo... É um conjunto que inclui possivelmente essa preguiça intelectual, essa comodidade de pegar os espelhos e usá-los adequadamente.

E Denise Stoklos (SANTOS; STOKLOS, 2000, on-line) emenda:

E a gente raspa, assim, as palavras suas... Pega aquilo e se agarra como se fosse uma boia no naufrágio. Quantas vezes um simples pensamento nos conduz a praias mais iluminadas... Volto ao seu pensamento da emoção, de que o pobre, o destituído, ele se comunica por causa da emoção, por estar com a emoção... Eu não fui instruída para trabalhar com isso. Era complicado lidar com a emoção, principalmente porque vivíamos uma época difícil. As coisas nesse país têm a aparência e o significado fica por baixo, que é muito mais forte. Só que as coisas não mudaram, mesmo com essa chamada democracia legitimada pelo voto, que não significa nada. É pior, porque traz o fantasma desse “legítimo” [...].

Santos completa “[...] É um consumo eleitoral [...]”. E Stocklos reflete sobre a dificuldade que é ligar a emoção e o real, o entendimento do momento atual com o “neoliberalismo cínico” tendo o conformismo como tônica e resposta única.

Santos (SANTOS; STOKLOS, 2000, on-line) remete à epistemologia da existência, que dá conta do que é da apreensão

são da realidade, e defende o papel da emoção, assim como a dificuldade da academia em aceitá-la:

Aliás, foi uma descoberta recente. A maior parte do tempo eu era refreado... Fui intelectual na Europa e nos EUA sem ser cidadão, era regido pela razão, pelo esquema. A descoberta dessa nova condição, dessa epistemologia da existência, como estou chamando agora. Quer dizer, o existir como condição para ver o mundo, e isso inclui, em primeiro lugar, a emoção. Porque a razão reduz a força de descobrir, porque só a emoção nos leva a ser originais. Não só a emoção, claro, mas por meio dela é mais depressa. Propor uma coisa nova na universidade é muito difícil, embora seja o lugar da proposição do novo. Essa força, digamos, de esquecer, de ser original, só a emoção permite. E ela então passa a ser um dado do pensamento, não é a razão que produz o grande pensamento. E aí é preciso caráter. Uma reinterpretação da sociedade brasileira em movimento permite ver, digamos, uma outra coisa, um futuro mais perto. Nós fomos tratados e educados para examinar o chamado presente, não imaginando que o futuro está aí, embutido no presente. Na realidade, cada ato nosso é presente, agimos em função do futuro. A ação é presente, mas a aspiração dela é o futuro.

Finalizando a questão da emoção, é ela que nos liberta da prisão da escola, dos limites do vocabulário fechado e limitante das ciências. Ela quem possibilita a intersubjetividade no cotidiano e, por extensão, locus de onde o novo pode ser pensado e criado.

## Conclusão - o futuro como tendência

*Saudades do futuro/não é uma alegoria/  
é o desejo de ultrapassar a eternidade  
das coisas e dos homens*  
**Armando Corrêa da Silva**

As pesquisas apontaram caminhos interessantes e possíveis para o diálogo entre a comunicação e a geografia ou, como denominamos aqui, diálogo geocomunicacional.

A obra de Milton Santos é muito instigante e rica em reflexões que nos incitam às questões novas com a responsabilidade de um aprofundamento no tocante a “força do lugar”. Podemos verificar que as duas ciências buscaram responder, em momentos históricos ou momentos técnicos específicos, as grandes questões de seu tempo. Entre elas, o problema da definição e da importância do espaço.

Vários entrevistados chamaram atenção para o tema da globalização e a abordagem feita por Santos para o tema, vendo-a como fábula, como perversa e visualizando outra globalização possível. Nesses três momentos, o papel da mídia é crucial.

Primeiro criando a fábula da aldeia global e a vertigem de que todos estão conectados e desfrutando as benesses do capital informacional. A perversidade da globalização, com a concentração e a exclusão de grandes contingentes, ao que Santos denomina Globalitarismo, em que a obediência a tudo é o esperado e exigido. Vide a conhecida experiência com call centers em que tentamos reclamar e nunca somos atendidos a contento. Não por acaso, as empresas de telefonia ficam nos primeiros postos de reclamações ao PROCON, o que nos faz pensar que não falta informação, mas a gestão da informação é deficitária para possibilitar o empoderamento dos consumidores, principalmente os com rendas menores.

Com essa possibilidade de empoderamento das classes

mais baixas, temos um caminho para a globalização possível, na qual “felizmente, outra coisa é que o próprio sistema está sujeito a acidentes, talvez por causa dessa enorme carga técnica. Basta que alguns grupos não se adaptem à norma, afirma Santos” (SANTOS et al., 2000, p. 16).

Continua seu pensamento sobre esse tema demonstrando aos leitores dos anos 2020 que a semente das manifestações de 2013, que tanto estranhamento trouxe à academia, ou parte dela, já estava germinando. Não foi fortuita, dependia de uma análise mais apurada dos intelectuais. Santos (2000, p. 40) alertava e completava seu raciocínio:

Portanto, não está excluída a produção da ordem, em forma de crise irreversível. Irreversível, porque não há crise social que se resolva com um sistema de absoluta ditadura das finanças. Vejamos o que se passa no Brasil, quando ouvimos “o mandante” dizer que do Tesouro e das privatizações não se pode gastar um tostão para ajudar um pobre, que os recursos das privatizações são todos para o banqueiro... Alega-se uma inteligência universal, isto é, o “mundo inteiro” está pedindo isso e é isso o que está se fazendo. Por isso, as cidades estão pegando fogo! E não se pode dar um tostão dos recursos sociais para apagar o incêndio porque a ordem financeira é constituída às custas de um sistema extremamente inumano e totalitário. Um acidente, digamos assim, mas de consequência irreversível, que seria o equivalente a um efeito dominó...

O que se pode concluir, mesmo podendo ser acusado de especulativo, é que, nesse tema, a maioria dos chamados grandes meios de comunicação ficou à deriva dos acontecimentos por falta de um entendimento mais aprofundado daquilo que vinha se processando desde, pelo menos, o início da primeira década do século XXI. Preocupados com temas “mais comunicacionais e/ou midiáticos”, também a academia foi insuficiente. Intelectuais foram chamados a um meio de comunicação televisivo massa para assistirem a imagens e “auxiliarem” a apresentadora a manter sua voz embargada quando, no meio do grupo de pessoas, um incidente ocorria e ela retratava

como se anunciasse uma morte. A mídia, em sua maioria, fez do fato um acontecimento apenas naquilo que era aparente, imediato. Não houve grandes reflexões, porque não estavam preparados para analisar os acontecimentos dos quais desconheciam as bases e os processos. Talvez os blogs e mensagens instantâneas tenham feito papel mais esclarecedor às pessoas, contudo, para comprovar isso, necessitamos de dados que não buscamos, fica como intuição.

Assim, podemos inferir que, tanto para compreender a sociedade capitalista, quando busca novas formas de acumulação revertendo seu modo rígido e ordenado de produção e reprodução, tornando-se mais flexível, quando essa mesma sociedade gera suas contradições e manifestações, a comunicação encontra na geografia uma forte aliada na tarefa de compreender o mundo que se abre e é muito mais que imagem imediata exposta aos nossos sentidos.

Evidentemente que teorias do momento monopolista do capital, por exemplo, a que chamamos de Teoria Crítica, auxiliam no entendimento das produções que ainda estão baseadas no modelo de sociedade rígida, já que a distribuição capitalista é desigual pelo planeta. Não é todo espaço que está na mesma temporalidade dos demais. Ou seja, não é raro encontrarmos diferenças nos circuitos da economia espacial e urbana. Assim, apesar de datadas, as teorias ainda respondem às interrogações que a realidade faz ao pesquisador que busca pensar o presente propondo, projetando um futuro.

Dessa forma, podemos, com Santos, apresentar questões que, embasadas em seu pensamento, se mostram como tendências abertas na comunicação, nesta segunda década do século XXI. Tomando como referência a ideia de homens lentos e homens rápidos e aceitando a instantaneidade da mídia, podemos perguntar se os primeiros seriam os da resistência e os segundos do técnico-científico.

Os homens lentos são aqueles que têm mobilidade pela cidade, estão fora do totalitarismo da lógica do capital. Porém, como dizia Santos, a cidade, para eles, não é a imagem, como ocorre aos homens rápidos, mas miragem: “não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e



ir descobrindo as fabulações” (SANTOS, 1996, p. 261). Contudo, quando fora do circuito superior da economia, aquele mais moderno e global, os homens lentos se apropriam da tecnologia a sua maneira. Isto é, para economizar em ligações e bônus das operadoras, não é incomum que as populações mais pobres utilizem vários aparelhos celulares Dual SIM, barateando seu custo porque ligam para os demais utilizando a operadora que cada contato seu dispõe. Muitos aparelhos conseguem desviar a chamada quando localizam um aparelho telefônico fixo, com o desvio, podem chamar sem pagar a ligação, ou mais comum, utilizar aplicativos para chamada, como o WhatsApp.

Os aparelhos são do mercado paralelo e descartáveis, propositalmente. O baixo preço e a pouca durabilidade garantem aparelhos “sempre novos”. Em alguns bairros, compartilhar o acesso aos canais de TV fechados, compartilhar computadores, é uma prática que facilita para as pessoas envolvidas. Pardo Kuklinski (2013, p.31), quando questionado sobre a obsolescência dos aparelhos e o que pode o consumidor fazer, responde que este deve

ser mais responsável no consumo. Podemos comprar objetos mais caros, porém pensados para durar mais, por exemplo, entre várias pessoas. Se compartilhamos carros, sofás, escritórios. Porque não compartilhar computadores, impressoras, câmeras fotográficas?

Outra relação possível que permanece como possibilidade é entre a obra do geógrafo e os resultados artísticos e plásticos baseados em conceitos e posicionamentos. Destacamos aqui a escultura *Cartologia* de Rosângela Rennó, uma obra tridimensional composta de um álbum de fotografias, mesa império e cinco fotografias em diferentes cores de pele, laminadas e emolduradas, medindo 70 x 180 x 142 cm, produzida no ano 2000. Conforme a artista mesmo explica, “é uma coleção de mapas. As marcas, os pelos e poros da pele podem ser lidos como se fossem cartas cartográficas” (SEREZA, 2000, pág. D9). Essa obra homenageou o geógrafo em 2000, quando recebeu o Prêmio Multicultural 2000 Estádio Cultura.

Em outro momento, quando falávamos de Santos (SIL-

E assim se passaram 20 anos

VA, 2001, pág. 172), terminamos nossa explanação com o poema/música *Rei das Cores*, de Caetano Veloso, que aqui parece oportuno transcrever:

Para a Cinza: cinza  
Para a Areia: ouro  
Para a terra: pardo  
Para a Terra: azul  
Para o **homem: negro**  
Para o **homem: rosa**  
Para o **homem: ouro**  
Para o **anjo: azul.**



## Posfácio

### **Veinte años sin Milton**

Carles Carreras

Universitat de Barcelona

Intentar evaluar la aportación, las aportaciones de Milton Santos (1926-2001) a la Geografía brasileña, latinoamericana y mundial es una tarea difícil que requiere una dedicación y un distanciamiento que aún no poseemos. A los veinte años<sup>7</sup> de su muerte su obra sigue palpitando viva en todos sus libros, en sus colaboradores y colegas, en sus alumnos, en las aulas y en los seminarios y debates.

El gran stand cilíndrico conteniendo muchos ejemplares de todos los libros de Milton, en la librería que la Edusp ha montado en el nuevo edificio junto al Instituto de Estudos Brasileiros, donde se custodia una parte importante de la biblioteca de Milton, constituye un descubrimiento asombroso. Ahí puede apreciarse su enorme producción, al mismo tiempo que su vigencia. Una producción que su viuda, Marie Hélène Tiercelin Santos se cuida de mantener y acrecentar con la inteligencia y sensibilidad con lo que lo hizo en vida.

En este artículo se pretende, en primer lugar, ofrecer una visión de la difusión de la obra de Milton Santos en la Geografía española, para, a continuación, presentar una visión más personal de Milton. Finalmente, se concluye con unas reflexiones sobre la importancia y la vigencia de su obra hoy, tras veinte años de su falta.



Mostrador de la obra de Milton Santos en la librería de la USP.  
Foto del autor 09/2019.

## Milton Santos en España

La Geografía española, con algunos precedentes históricos más o menos significativos<sup>8</sup>, se fue desarrollando lentamente en las universidades a partir de mediados de la dictadura franquista. Una Geografía algo autárquica como el conjunto del país, a pesar de la vinculación oficial con la Unión Geográfica Internacional, a través del Instituto Geográfico Nacional, y sus congresos y reuniones periódicas<sup>9</sup>. Algunas ventanas se abrieron lentamente a las corrientes internacionales, especialmente en las universidades de Barcelona y de Madrid, y a cargo de alguna personalidad individual destacada, como fue el caso del añorado colega y amigo Joaquín Bosque Maurel (1924-2015)<sup>10</sup>.

En relación a Milton, hay que citar el primer encuentro en 1968 de Joan Vilà i Valentí (1925-2020), mi maestro en la Geografía, en Bordeaux, junto con otros geógrafos franceses, durante su exilio; justamente fue el mismo año en que se trasladaría a la Sorbone, en París, en otoño. En este período, Milton era considerado como un geógrafo de la escuela francesa, tanto en Francia, como en los países de su entorno e influencia. El exilio se prolongó desde 1964 a 1977, pasando de Francia a Canadá y posteriormente a los Estados Unidos, Venezuela y Tanzania. Al perfil francés se añadía, más o menos implícitamente, la consideración de Milton como un geógrafo del entonces llamado Tercer Mundo, tema sobre el que el mismo publicó algunos trabajos, aunque prefería la denominación de países subdesarrollados.

La primera publicación en lengua castellana se produjo en coherencia con este perfil. En 1973, el geógrafo Enric Lluch (1928-2012), quien organizó el departamento en la Universitat Autònoma de Barcelona, promovió la publicación, en la colección que dirigía en la editorial Oikos-tau, Geografía y Economía urbanas en los países desarrollados, traducido por la profesora Rosa Ascón (n. 1943). Una obra que tenía algún precedente en la producción de Milton, en un libro publicado en Rio de Janeiro en 1965 y en los dos fascículos en francés del Centre de Documentation Universitaire, de 1969, que fueron el

objeto de la traducción.

La siguiente aparición de Milton públicamente en España estuvo ya relacionada con sus esfuerzos por profundizar y desarrollar la teoría y los métodos de la Geografía. Horacio Capel<sup>11</sup> (n. 1941) publicó en el número 65 de sus cuadernos Geocrítica, en 1986, Espacio y método, que se había editado en Brasil un año antes. Siempre dentro del grupo de la universidad de Barcelona, Milton participó en diversos seminarios organizados por el autor de este texto. Así, en febrero de 1988, participó en un seminario sobre la globalización, realizado en la sede del Museu de la Ciència, de Barcelona. Al año siguiente, participó en uno de los seminarios que se organizó en Girona, junto con el equipo del CIEU de la Universidad de Toulouse le Mirail, justamente el primer centro que acogió a Milton en su exilio, sobre las dinámicas urbanas centro-periferia. En 1990, participó también en un curso de la Universidad Menéndez Pelayo, en su sede de Valencia, sobre las dinámicas internacionales de las ciudades. Finalmente, su última visita a España se produjo, en noviembre de 1996, con motivo de la concesión del doctorado Honoris Causa de la Universidad de Barcelona<sup>12</sup>. En esta ocasión se organizó paralelamente un seminario sobre Ciudad y Empleo que facilitó la asistencia de otros profesores brasileños y de la Universidad Complutense de Madrid. Igualmente, se publicaron dos libros en castellano<sup>13</sup> en la editorial Oikos-tau, en la colección que dirigía Carles Carreras; uno, Metamorfosis del Espacio habitado, que había sido editado en São Paulo en 1988, y De la totalidad al lugar, que Milton preparó expresamente para la ocasión<sup>14</sup>.



Milton junto al portugués Orlando Ribeiro, el catalán Joan Vilà i Valentí, y los franceses Pierre Deffontaines y Pierre Monbeig, vestidos de cofrades de Saint-Emilion, en una de sus cavas, en noviembre de 1968. [foto: repositorio UB, Geografía, archivo plaza Universitat; p. 73]

Por otro lado, destaca el papel muy relevante del aragonés Joaquín Bosque, catedrático en Madrid desde 1976, pero que conservó su benéfica i fructífera influencia sobre la universidad de Granada hasta el final. Bosque, junto con Vilà, fueron versos sueltos en la demasiado bipartita Geografía española, quienes para completar su formación viajaron por el extranjero. Bosque viajó a Estados Unidos ya antes de la terminación de su importante tesis doctoral<sup>15</sup> y también viajaba con frecuencia a São Paulo, por motivos familiares. En 1990, Bosque editó en la editorial Espasa Calpe, de Madrid, *Por una geografía nueva*, que había publicado Milton en francés cinco años antes; la traducción fue de Pilar Bosque. En 1995, apadrinó el doctorado honoris causa que le concedió la Universidad Complutense de Madrid; su laudatio y el discurso de aceptación de Milton se recogieron en el número 16 de la revista que dirigía, *Anales de Geografía*, en 1996, junto con diversos ar-



títulos de otros profesores, como los buenos amigos José Estébanez (1941-1998) y Aurora García Ballesteros (n. 1944) y de los colegas brasileños que asistieron al acto<sup>16</sup>. Más tarde, en el año 2000, Bosque consiguió la publicación en castellano de la gran obra de Milton, *La naturaleza del espacio*, en la editorial Ariel, de Barcelona. Finalmente, Bosque, junto con Aurora García Ballesteros, publicó en los Anales, en 2003, un artículo sobre Milton, como una nota necrológica.

No se puede terminar el análisis de la difusión de las ideas de Milton en España sin mencionar a Miguel Panadero Moya (1939-2021). Catedrático de la universidad de Castilla la Mancha, creó con otros el departamento de Geografía en la sede de Albacete. Su interés por América Latina<sup>17</sup>, en general, le llevó al conocimiento de Milton con quien mantuvo relaciones de intercambio y de amistad. El libro de homenaje que sus colegas publicaron con motivo de su jubilación en 2010, tiene un claro tono miltoniano en su título: *Las escalas de la Geografía: del Mundo al lugar*.

Seis libros de Milton Santos publicados en castellano en España, más los dos discursos de su doctorado en Madrid y en Barcelona constituyen una base excelente para el conocimiento del pensamiento de Milton y un buen acercamiento a su trayectoria para el público hispano parlante. En lengua castellana también se publicó una versión de su obra del 2000, *Por uma outra globalização*, cuatro años más tarde, a cargo del Convenio Andrés Bello, con sede en Bogotá, traducido por Gladys Guerrero de Beltrán. Pero, esta obra es de difícil acceso en versión papel y circulan entre los estudiantes copias más o menos piratas en PDF.

Aparece un primer Milton como geógrafo Latinoamericano, con apariencia de Latinoamericanista, tal como quisieron encajarle los buenos colegas franceses, analizando las ciudades del mundo subdesarrollado. Pero rápidamente se pudo apreciar su esfuerzo constante para renovar la disciplina geográfica y reforzar teóricamente sus conceptos y sus métodos, en busca de una teoría totalizadora que permitiera explicar el mundo contemporáneo. Se aprecian influencias francesas en este esfuerzo, que desbordan el ámbito de la Geografía regio-

nal, alcanzando autores tan importantes con Fernand Braudel (1902-1985) o Jean-Paul Sartre (1905-1980).

Los mencionados grupos de geógrafos en España y algunas individualidades dispersas se interesaron vivamente por este esfuerzo teorizador, nacido fuera, pero no al margen, del mainstream anglosajón. Sus últimas obras corroboraron el éxito de la búsqueda de Milton, que demostró que desde la periferia se podía hacer teoría, no sólo ofrecer casos de estudio y comparaciones con el mundo de los ricos. En este sentido, su gran compendio teórico desplegado en *La Naturaleza del espacio*<sup>18</sup> se pudo integrar en los programas de Geografía humana y de Teoría y métodos de la Geografía en los estudios de grado de la universidad de Barcelona, al menos durante algunos cursos. Los alumnos solían encontrar grandes dificultades en la lectura de los textos de Milton, en buena parte debido a los planteamientos filosóficos, lo que obligaba al desarrollo de seminarios complementarios. Así, en el depósito digital de la universidad, pueden encontrarse diversos trabajos de fin de grado, de máster y de doctorado que usan especialmente la aproximación de las verticalidades y las horizontalidades de Milton.

### **Una visión de Milton Santos algo más personal**

Pero Milton Santos, el mayor teórico de la Geografía del cambio de siglo del XX al XXI, del cambio de milenio, también fue, sobre todo, un gran e inolvidable amigo. Un gran sabio y un buen amigo, como lo definieron Joaquín Bosque y Aurora García Ballesteros en el documentado artículo necrológico que publicaron en 2003<sup>19</sup>.

Como se ha apuntado, pude conocer a Milton en 1987, a través de la buena amiga, profesora titular de la USP, la mendocina Amalia Inés Geraiges de Lemos (n. 1939). Conocerle a él y a sus amigos y discípulos, en el conjunto de una Geografía brasileña potente y numerosa, y de una buena representación de la Geografía Latino americana. Ello me permitió conocer a un Milton doméstico, en su casa y en otras casas y “sitios” de nuestros amigos y colegas. Su inteligencia sin límites, su educación “europea”, su elegancia incluso, su ironía y espíritu

crítico insobornable, su hospitalidad y cordialidad se fueron desvelando en todos los encuentros informales y formales. También en los numerosos seminarios internacionales que animó en el edificio modernista<sup>20</sup> de la Facultad de Geografía e Historia de la USP. Unos seminarios que se prolongaban a menudo en cenas multitudinarias que mantenía en su pequeño apartamento en el Alto de Pinheiros, gracias a la exquisita dedicación de Marie Hélène Tiercelin, su esposa y madre de su hijo Rafael (n. 1977). En estas reuniones conseguía reunir geógrafos de diversas partes del mundo, amigos brasileños, argentinos, venezolanos, peruanos, estadounidenses, franceses...y españoles, claro. El mejor documento probatorio de esta internacionalización es la publicación de 1996, *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*, que recoge las aportaciones de sesenta y nueve investigadores, presentadas en el coloquio internacional celebrado en la USP con motivo del setenta aniversario de Milton<sup>21</sup>, organizado por la profesora Maria Adélia A. de Souza (n. 1940).

Se podía aprender tanto hablando con Milton, casi más que leyéndolo, porque era un gran conversador y sabía destacar lo importante, al tiempo que lograba pasar siempre de la anécdota a la categoría. Sabía estimular la creatividad y animar cualquier proyecto cuando valía la pena, sin considerar obstáculo alguno. Además era un hombre de izquierdas y antiimperialista, comprometido con la causa de los pobres y de los explotados y que defendía en público siempre sus puntos de vista y los explicaba de forma aplastante<sup>22</sup>.

Acumulé muchas enseñanzas y muchos recuerdos de Milton. Recuerdo un seminario sobre Geografía política celebrado en la Sorbonne, en París, en diciembre de 1987; se trataba probablemente de alguna reunión de la comisión de la UGI que organizaba Paul Claval (n. 1932), con su tenaz dedicación. Acudí probablemente invitado por la profesora de Rio de Janeiro, Lia Osorio Machado (n. 1939) que en aquellos momentos realizaba su tesis doctoral en Barcelona. Yves Lacoste (n. 1929) tuvo una escasa presencia, aún no había estallado la polémica contra los coremas de Roger Brunet (n. 1931)<sup>23</sup>, pero en cambio los debates entre Milton y Bertha Bécker (1930-2013),

especialmente durante las comidas, fueron espectaculares.

Fue memorable un seminario que organizamos en el campus de Rio Claro de la UNESP, con la colega y amiga Silvana Pintaudy. Era a principios de los años 90 y presentábamos nuestras investigaciones iniciales sobre comercio y consumo. Participaron como invitados para el debate además de Milton, Roberto Lobato (n. 1939), Ana Fani A. Carlos (n. 1950), entre otros, que criticaron ampliamente nuestro trabajo. Escribimos y reescribimos mucho, aunque nunca conseguimos publicar los resultados.

Recuerdo también una intervención en el aula magna de la Universidade Estadual de Rio de Janeiro, en 1998, invitados por Susana M.M. Pacheco. Un inolvidable Milton acabando su intervención sobre la renovación de la disciplina con un vibrante Viva a Geografia!, con el puño levantado ante el entusiasmo de los centenares de asistentes.

Recuerdo finalmente y con tristeza el local de la planta baja del moderno y poco funcional edificio de la Facultad, junto a las fotocopias, que ocupó Milton cuando ya tenía dificultades para subir las malditas rampas, antes de la construcción de los ascensores de acceso posteriores. Trabajaba ahí con María Laura Silveira, cuando terminaban su libro sobre Brasil, y con Mónica Arroyo y algunos discípulos más jóvenes.



Las malditas rampas de acceso al Departamento de Geografía, a la izquierda, en 2006 (foto: L. Frago)

Tras la desaparición de Milton, el grupo de Barcelona intentamos mantener relaciones académicas y científicas productivas con los colegas de la USP que se dedicaban a los estudios urbanos. Así entre los años 2003 y 2005, junto con la profesora Ana Fani, coordinamos un proyecto financiado por la CAPES y el MEC del que se publicaron dos libros, uno en São Paulo y otro en Barcelona<sup>24</sup>. La mayor satisfacción de este proyecto es que algunos de nuestros jóvenes leen y aplican las ideas de Milton aquí y ahora. Dos de nuestros investigadores<sup>25</sup> consiguieron una beca para realizar una estancia de seis meses en São Paulo; Milton ya no estaba pero pudieron conocerlo a través de las clases de Mónica Arroyo y de Maria Adelia, y siguen con él.



El grupo de Barcelona (el autor con los dos becarios Vico y Frago, y Sergio Moreno que acabaría como profesor en el sistema federal brasileño) en el Jardim da Luz de São Paulo, en el año 2006 (foto: autor)

### **Unas conclusiones:**

Conclusiones que no pueden ser sino también personales, ya que se trata de destacar, desde esta ribera oriental del océano Atlántico, cual es “mi” Milton en la concepción de la Geografía y del mundo.

En primer lugar, hay que afirmar que es uno de los grandes teóricos de la Geografía del siglo XX, a escala mundial. Ha contribuido a renovar los métodos y los conceptos de la Geografía y le ha devuelto su papel de intérprete del Mundo actual. Con ello Milton ha demostrado que se puede formular teoría desde cualquier lugar, que no se precisa estar en las áreas centrales, en las primeras universidades de cualquier ranking, ni en los centros de investigación de primer nivel. La pobreza o debilidad de las infraestructuras, la falta de tradición no puede justificar ni la inacción, ni el sometimiento a los paradigmas dominantes. Hay que trabajar mucho, con seriedad y con ri-

gor, con sentido crítico y con mente abierta, sin prejuicios y sin complejos, para alcanzar cualquier objetivo que nos propongamos. Esta es la gran lección de la vida y de la obra de Milton.

En segundo lugar, justo en los albores del siglo XXI que casi no pudo ni conocer, Milton alcanzó a definir y explicar la gran transformación del capitalismo en crisis, la Globalización. Con sus trabajos sobre el medio técnico-científico-informacional, Milton no tan sólo ha logrado explicar la Globalización y desentrañar sus dinámicas, sino que incluso logró plantear una alternativa para superar la perversidad de esta Globalización, como proceso capitalista y emprender el camino de un período popular de la historia nuevo y esperanzador.

En tercer lugar, en su tarea para acabar con la viudez del espacio en que se encontraba la Geografía, Milton consiguió plantear y explicar la complejidad del espacio urbano, al definir los dos circuitos de la economía. Una idea iniciada durante su estancia en el Massachusetts Institut of Technology, a principios de los setenta que publicaría por primera vez en francés, en 1975, *L'espace partagé*. Precisamente del título portugués de esta obra, publicada tres años después, se ha generado un serio malentendido en su difusión en España y tal vez en otros lugares de habla hispánica. En efecto, el desconocimiento de la lengua portuguesa ha llevado a mantener el mismo adjetivo en castellano, el espacio dividido, que no sólo se aleja, sino que contradice totalmente la verdadera idea del espacio compartido por los dos circuitos.

En cuarto lugar, junto a la concepción de la complejidad del espacio, Milton incorpora la complejidad del tiempo. En una fórmula bastante cercana a la desarrollada por Fernand Braudel<sup>26</sup>, incorporó el tema de los tiempos largos y los tempos cortos, de la duración y sus escalas, y de los tiempos rápidos y los tiempos lentos, sus ritmos.

Puede afirmarse así, concluyendo las conclusiones, que el subtítulo de la gran obra de Milton, *La Naturaleza del espacio*, constituye su verdadero testamento, quizás el más importante: Espacio y tiempo, como objetos de estudio, razón y emoción, como métodos de investigación. Espacio y tiempo de los que se ha tratado; razón que aparece con su lógica y

erudición aplastante en toda su obra; pero también emoción, que se plasma en su entusiasmo por la Geografía y por el futuro y por su defensa de la libertad anticolonial y contraria a las burocracias de las instituciones, sin perder nunca su carácter institucional. La creación del EGAL como reunión libre de colegas, sin presidencias, ni sedes, ni secretarías constituye un buen ejemplo de este espíritu.

Un testamento que han desarrollado sus discípulos directos, especialmente Maria Laura Silveira, Mónica Arroyo o Maria Adélia de Souza, así como muchos jóvenes que en Brasil y fuera de Brasil leen y trabajan, tratan de entender y de desarrollar las ideas de Milton, que siguen vivas, muy vivas. Como demuestran el grupo de geógrafos que ha organizado el seminario de junio 2021: Um período, uma crise: Globalização e instabilidade dos territórios.

### **Bibliografía citada**

(No se repertorian aquí las obras citadas de Milton Santos que son objeto central del libro que edita Paulo Celso da Silva).

Bosque Maurel, J., 1992 Geografía y geógrafos en la España contemporánea. Granada: Universidad de Granada

Bosque Maurel, J. 1996: «Una aproximación a la vida y la obra del profesor Milton Almeida dos Santos» en Anales de Geografía de la Universidad Complutense, Madrid, 16, pp. 29-36.

Bosque Maurel, J., Estébanez Álvarez, J. y García Ballesteros, A. 1996: “Repercusión de la obra científica de Milton Santos en la Geografía española», en Anales de Geografía de la Universidad Complutense, Madrid, 16, pp. 37-54.

Bosque Maurel, J. y García Ballesteros, A., 2003, “Milton de Almeida Santos (1926-2001)” en Anales de Geografía de la Universidad Complutense, Madrid, 23; pp. 9-19.

Capel, H. 1976, “La Geografía española tras la guerra



civil”, Geocrítica, Barcelona, nº 1.

Carlos, A.F.A.y Carreras, C., 2004, Urbanização emundialização. Estudos sobre a Metropole. São Paulo: ed. Contexto [existe uma segunda edicion de 2012]

Carreras, C. 2000, “El paraíso perdido. La Geografía española a partir de 1975” en AAVV Lecturas geográficas. Homenaje a José Estébanez Alvarez. Madrid: Universidad Complutense de Madrid; pp. 491-500.

Carreras, C. y Carlos, A.F.A., 2006, Barcelona y São Paulo cara a cara. Procesos metropolitanos a la hora de la globalización. Mataró: ed. Da Vinci.

Lefèvre, J-P., 1993, « Les missions universitaires françaises au Brésil dans les années 1930 » en Vingtième Siècle, revue d’Histoire ; nº 38, pp. 24-33.

## CITAÇÕES

1 *En definitiva, el espacio ha tenido y sigue teniendo una gran relevancia en la teoría de la comunicación, a pesar de no haber existido, como comentábamos más arriba, un verdadero intento de explorar dicho concepto en estrecha colaboración con la tradición geográfica, algo parecido a lo que ha sucedido con el concepto de paisaje, cada vez más relevante en la teoría de la comunicación. NOGUÉ FONT, J.; SAN EUGENIO, J. Pensamiento geográfico versus teoría de la comunicación. Hacia un modelo de análisis comunicativo del paisaje. Doc. Anal. Geogr. 55, 2009, p. 43. Disponível em:*

*<http://www.raco.cat/index.php/DocumentsAnalisi/article/viewFile/171748/224066>. Acesso em: 22 dez. 2020.*

2 *Esse conceito foi desenvolvido no texto Cityness in Urban Transformation. Ruby Press, 2008.*

3 *Agradeço a meu aluno Carlos Fernando Leite por possibilitar essa reflexão abordando Milton Santos em um trabalho de iniciação científica sobre Milton Santos e a Comunicação, durante 2013-2014, intitulado Comunicação, Mídia e Lugar: classes sociais não hegemônicas e articulação social para a apropriação das mídias no Brasil. Revisão e análise bibliográfica.*

4 *Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980), nascido francês de pais brasileiros, tornou-se um dos mais profícuos geógrafos brasileiros do século XX. A Geografia de Delgado de Carvalho era pautada pelo contexto no qual ele viveu, portanto, de forte influência francesa e inglesa. Com o passar do tempo, a sua atuação profissional no Brasil incorporaria novas influências e, desse modo, consolidaria uma Geografia pautada pela análise da paisagem em busca de inter-relações entre os fenômenos físicos e humanos na busca da síntese geográfica que, assim, conformaria a formação da Geografia Regional enquanto espaço onde tais inter-relações assumiriam uma combinação específica. Tal método caracteriza o que conhecemos como Geografia Tradicional, a primeira sistematização acadêmica de uma Geografia re-*

*cém-institucionalizada no mundo ocidental. MENEZES, Maria L. P. A geografia de Delgado de Carvalho. Revista de Geografia - PP-GEO - v. 2, n. 1 (2011). Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/geografia/article/view/17901>. Acesso em: 05 mar 2021.*

5 *Pierre Gourou (1900-1999). Geógrafo francês que estudou os trópicos tendo defendido tese acadêmica sobre os camponeses do Delta do Tonquim (Vietnã), na qual mostra que a fatalidade tropical não existe, tudo é função da tecnologia, do enquadramento – títulos de propriedade sérios, presença de agrônomos competentes, por exemplo – e da ruptura do isolamento pelas redes de comunicação. GOUROU, P. O descompasso dos trópicos. [Entrevista concedida a] Betty Milan. Folha de S. Paulo, 31 maio 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs31059819.htm>. Acesso em: 05 mar. 2021.*

6 *Apontamentos feitos na conferencia inaugural proferida por Milton Santos no Encontro Internacional “O novo mapa do mundo” que aconteceu na Universidade de São Paulo, em 1991, em sua homenagem.*

7 *El autor debe expresar su agradecimiento más cálido y sincero al profesor Paulo Celso da Silva, colega y amigo de Sorocaba y de Barcelona (Paulo Celso de Castelldefels) por la invitación y oportunidad de participar en este sencillo homenaje a la persona y a la obra de Milton. El autor ya colaboró brevemente en el libro que la profesora bahiana Maria Auxiliadora da Silva publicó con motivo de los diez años de la desaparición de Milton.*

8 *Hace unos años los colegas de la universidad complutense de Madrid presentaron su punto de vista sobre la difusión de las ideas de Milton en España en un documentado e importante artículo (Bosque, Estébanez y Garcia Ballesteros, 1996)*

9 *Para obtener más información acerca de la Geografía española en esta época puede consultarse Capel, 1976; Bosque, 1992; o Carreras, 2000)*

10 *El autor gusta de situar temporalmente a las personas que se citan, colocando entre paréntesis el año de nacimiento y fallecimiento, o sólo el nacimiento, tras una n. si aún viven. Se considera una precisión importante en los estudios acerca de la evolución de las disciplinas, pero, en la actualidad, resulta a menudo difícil obtener esta información a causa de las leyes de protección de datos, lo que explica su ausencia en muchos casos.*

11 *En septiembre de 2002, Horacio Capel publicó un número monográfico, el 124, de Scripta Nova, la sucesora de Geocritica a partir de su número 100, dedicado a Milton en el que, junto a él, colaboraron siete profesores brasileños y que coordinó el colega Wagner Costa Ribeiro, de la USP.*

12 *Se puede consultar el video de la sesión en: <https://www.ub.edu/ubtv/video/honoris-causa-als-professors-jordi-cervos-i-milton-santos>*

13 *En la organización del seminario y de las publicaciones fue decisiva la colaboración del profesor Sergi Martínez-Rigol (n. 1972).*

14 *En 2005, la obra fue publicada en Brasil, en portugués, en la colección EDUSP. La editora Marie Hélène Tiercelin Santos encargó muy amablemente el prólogo de esta edición al autor.*

15 *La tesis sobre la ciudad de Granada fue defendida en 1956 y publicada seis años más tarde por el CSIC. Tiene una reedición posterior que prologó Horacio Capel. Como la de Vilà, esta tesis fue dirigida por José Manuel Casas Torres (1916-2010), jefe de filas de una de las dos pretendidas partes de la Geografía española (Capel, 1976; Carreras, 2000)*

16 *El autor de este artículo tuvo la suerte de asistir también a este solemne acto de entrañable recuerdo.*

17 *El autor realizó su primer viaje a Brasil en 1987 a instancia suya, junto con el también ya fallecido colega asturiano de*

*la universidad Complutense José Estébanes. Un viaje memorable de los tres amigos, en ocasión de participar en el primer encuentro de geógrafos de América Latina (EGAL) en Aguas de São Pedro, interior de São Paulo, organizado a instancias de Milton Santos. Fue el inicio de las relaciones con los geógrafos de la USP.*

*18 Recuerdo especialmente la cara de escéptica incredulidad de una profesora de Geografía física de nuestro departamento al escuchar, en una conferencia en el salón de grados en 1989, a Milton decir que la Naturaleza es lo que encontramos al nacer, por eso hoy la informática es también Naturaleza para los niños que nacen y se educan.*

*19 Bosque y García Ballesteros, 2003, p. 13.*

*20 Edificio inaugurado en 1966, del arquitecto Fernando Corona (1921-2001).*

*21 También recuerdo el disgusto de Milton con el cartel que anunciaba este aniversario que juzgaba innecesario.*

*22 Quienes compartíamos mesa con Milton en el hotel de Aguas de São Pedro en 1987 recordaremos siempre la reacción de Milton cuando el geógrafo canadiense Paul-Yves Denis (1932-2013), director de la revista geográfica del IPGH, y sospechoso agente del espionaje americano, le pidió algún artículo. Le contestó tajantemente: cuando usted se retracte públicamente de las mentiras y calumnias que ha dicho y publicado sobre mí.*

*23 La revista Hérodote, que fundó y dirigió Lacoste, dedicó su número 76, de 1995, a la crítica feroz de la obra de Brunet a quien denominaron le grand choremáteur.*

*24 Carlos y Carreras, 2004; Carreras y Carlos, 2006.*

*25 Se trata de Carlos Vico y de Lluís Frago (n. 1981).*

E assim se passaram 20 anos

*26 Precisamente Braudel fue uno de los intelectuales franceses desplazados a Brasil para la creación de la USP en 1934, a instancias del famoso periodista paulistano Júlio Mesquita filho (1892-1969), e inició allí su famosa tesis doctoral sobre el Mediterráneo en tiempos de Felipe II, que terminaría en las cárceles nazis. El autor está investigando sobre la influencia de esta iniciativa en la interpretación del São Paulo y su red urbana.*

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ARAÚJO, I. S. A capacidade de representar-se no mundo contemporâneo e a ideia de construção da humanidade: utopias crepitantes no pensamento de Milton Santos. **Doc Online**, n. 5, p. 64-69, 2008. Disponível em: [http://doc.ubi.pt/05/analise\\_iralene\\_araujo.pdf](http://doc.ubi.pt/05/analise_iralene_araujo.pdf). Acesso em: 04 mar. 2021.

CAPEL, H. S. **Filosofia y ciência en la geografia contemporânea**: una introduccion a la geografia. 3. ed. Barcelona: Barcanova, 1988.

CARPIO MARTIN, J. La telecomunicaciones y desarrollo local. In: Anais do Encontro Internacional: O mundo do cidadão, um cidadão do mundo, São Paulo, 13 a 16 out. 1996, pág. 145-146.

CARRERAS i VERDAGUER, C. [Universitat de Barcelona/Es]. **Research on Milton Santos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por paulo.silva@prof.uniso.br em 19 set. 2013, 20 set. 2013 e 11 set. 2013.

CARRERAS i VERDAGUER, C. Milton Santos o la geografia de l'emoció. **Periodic AVUI**, jul. 2001, p. 16 [edição em catalão].

CORDOVIL, C. Milton Santos: Pensamento de combate. **Medium**, 4 set. 2016 [Jornal do Brasil, 1997]. Disponível em: <https://medium.com/@claudiocordovil/milton-santos-pensamento-de-combate-cef9540ed247>. Acesso em: 21 dez. 2020.

ENCONTRO com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá. Direção de Silvio Tendler. Brasil, 2007. 1 DVD (89 min.).

FALCÃO, M. do C. **Cotidiano: Conhecimento e Crítica**. São Paulo: Cortez, 1989.

FALKHEIMER, J.; JANSSON, A. **Geographies of communication: the spatial turn in media studies**. Göteborg: Nordicom, 2006.

FERRARA, L. D. O interesse pelo mundo IN SOUZA, M. A. A. O Mundo do cidadão. Um cidadão do Mundo, São Paulo: Hucitec, 1996, p. 383-389

FARRÉ COMA, J. **Invitació a la teoria de la comunicació**. Valls, Catalunya: Cossetània, 2005.

GOUROU, P. O descompasso dos trópicos. [Entrevista concedida a] Betty Milan. Folha de S. Paulo, 31 maio 1998. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs31059819.htm>. Acesso em: 05 mar. 2021.

GERRY, C. [Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD)]. **Research on Milton Santos** [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por paulo.silva@prof.uniso.br em 22 nov. 2013.

GOMÉZ LENDE, S. Más allá del funcionalismo y el estructuralismo: Por una nueva teoría del proceso de diferenciación regional. **Revista Geográfica Venezolana**, v. 48, n. 2, 2007, p. 241-269. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=347730366005>. Acesso em: 21 dez. 2020.

GRIMM, F. Um projeto maior. In: SILVA, M. A. (org.). **10 anos sem Milton Santos**. Salvador: ALBA, 2011. p. 137-141.

HABERMAS, J. Modernidad versus postmodernidad. In: PICÓ, J. (comp.). **Modernidad y postmodernidad**. Prefacio, introducción y compilación de Josep Picó. Madrid/España: Alianza, 1988. p. 87-102.



HARVEY, D. **Ciudades rebeldes**: del derecho de la ciudad a la revolución urbana. Trad. Juan Mari Madariaga. Madrid: Akal, 2013.

IBAZETA, M. C. O modelo sociológico revisitado no documentário político. Encontro com Milton Santos. O mundo global visto do lado de cá de Silvio Tendler. **Revista RuMoReS**, v. 5, n. 9, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51234>. Acesso em: 21 dez. 2020.

INNIS, H. **O viés da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JANSSON, A. For a Geography of Communication [Conferência]. In: ACSIS nationella forskarkonferens för kulturstudier, Norrköping, 13-15 juni 2005. Disponível em: <http://www.ep.liu.se/ecp/015/040/ecp015040b.pdf> Acesso em: 23 dez. 2020.

MARCONDES FILHO, C. O conceito que nunca existiu. **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais, 2 nov. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/inde02112003.htm>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MARCONDES FILHO, C. Pós-modernismo. **Antropos-moderno**, 15 maio 2007. Disponível em: [http://antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id\\_articulo=1064](http://antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=1064). Acesso em: 05 mar. 2021.

MARTINEZ i RIGOL, S. [Universitat de Barcelona/Es]. **Research on Milton Santos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por paulo.silva@prof.uniso.br em 18 ago. 2013.

McGEE, T. [University British Columbia/Ca]. **Research on Milton Santos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por paulo.silva@prof.uniso.br em 23 set. 2013.

MENEZES, M. L. P. A geografia de Delgado de Carvalho. **Revista de Geografia**, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/geografia/article/view/17901>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MITCHELL, W. J. T. (1992). The pictorial turn. **ArtForum magazine**, print march 1992. Disponível em: <https://www.artforum.com/print/199203/the-pictorial-turn-33613>. Acesso em: 23 dez. 2020.

MORAES, A. C. R. **Geografia**. Pequena História Crítica. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

NOGUÉ FONT, J.; SAN EUGENIO, J. Pensamiento geográfico versus teoría de la comunicación. Hacia un modelo de análisis comunicativo del paisaje. **Documents d'anàlisi geogràfica**, n. 55, 2009, p. 27-55. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/DocumentsAnalisi/article/viewFile/171748/224066>. Acesso em: 22 dez. 2020.

PARDO KUKLINSKI, H. (2013). “La obsolescencia se ha convertido en una realidad que no podemos obviar”. **Consumer**, impresa marzo 2013. Disponível em: <http://revista.consumer.es/web/es/20130301/entrevista/77057.php>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PASTI, A. [Universidade de Campinas/SP]. **Research on Milton Santos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por paulo.celso@facebook.com em 30 set. 2013.

PEET, R. [Clark University/EUA]. **Research on Milton Santos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por paulo.silva@prof.uniso.br em 25 set. 2013.

PROCENTESE, C. [Universidad Cà Foscari de Venecia/It]. **Research on Milton Santos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por paulo.silva@prof.uniso.br em 13 set. 2013,

20 out. 2013, 13 nov. 2013 e 20 nov. 2013.

RIBEIRO, W. C. Milton Santos: aspectos de sua vida e obra. **Scripta Nova. Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales**, Barcelona, v. VI, n. 124, 2002. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RODRIGO ALSINA, M. **Teorías de la comunicación**: ámbitos, métodos y perspectivas. Barcelona: Servei de Publicacions de la UAB, 2001.

SANTOS, M. Espaço e sociedade, Editora Vozes, Petrópolis, 1979 (2.<sup>a</sup> edição, 1982).

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, M. **Economia Espacial**. Críticas e Alternativas. São Paulo: EDUSP, 2003.

SANTOS, M. Espaço, mundo globalizado, pós-modernidade. In: LEITE, M. A. P. (org.). **Encontros – Milton Santos**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007a. p. 62-85.

SANTOS, M. et al. O papel da geografia. Um manifesto. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 12., Florianópolis, 2000a.

SANTOS, M. et. al. **Território e Sociedade**: entrevista com Milton Santos. São Paulo: Perseu Abramo, 2000b.

SANTOS, M. **Marianne em preto e branco**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1960.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, M. O geógrafo de campos e espaços. [Entrevista concedida a] BARILE, J. P. Jornal O Tempo, Contagem, Minas Gerais, 07 set. 1997. In: LEITE, M. A. P. (org.). **Encontros – Milton Santos**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007b. p. 128-143.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M.; STOKLOS, D. Um olhar dissonante. [Entrevista concedida a] Valmir Santos. **Folha de S. Paulo**, 7 mar. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0703200006.htm>. Acesso em: 02 fev. 2021.

SANTOS, M. Classificação funcional dos jornais brasileiros - as regiões jornalísticas. **Boletim da Associação Bahiana de Imprensa**, ano V, n. 55, 10 mar. 1956. Disponível em [https://drive.google.com/drive/folders/1VS-KOmBFveSob-DP\\_Xs0FQnvj3HBMayr](https://drive.google.com/drive/folders/1VS-KOmBFveSob-DP_Xs0FQnvj3HBMayr). Acesso em: 23 dez. 2020.

SANTOS, M. **Os estudos regionais e o futuro da geografia**. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1953.

SASSEN, S. [Department of Sociology and Co-Chair, Committee on Global Thought Columbia University/EUA]. **Research on Milton Santos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por paulo.silva@prof.uniso.br em 23 set. 2013.

SASSEN, S. Cityness. In: RUBY, I.; RUBY, Andreas. (eds.). *Urban Transformation*. Berlim: Ruby Press, 2008. p. 84-88.

SEREZA, H. C. Milton Santos une Geografia e Reflexão/ Cartologia. **O Estado de S. Paulo**, p. D9, 05 jun. 2000.

SERPA, A. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, J. B. Resenha do filme Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá. 2007. Disponível em: [http://www.anpege.org.br/anpege7/?op=300&id\\_srv=2&id\\_tpc=6&nid\\_tpc=&id\\_grp=1&add=&lk=1&nti=96&l\\_nti=S&itg=S&st=&dst=3](http://www.anpege.org.br/anpege7/?op=300&id_srv=2&id_tpc=6&nid_tpc=&id_grp=1&add=&lk=1&nti=96&l_nti=S&itg=S&st=&dst=3). Acesso em: 11 nov. 2011. Indisponível em: 02 mar. 2021.

SILVA, M. A. (org.). **10 anos sem Milton Santos**. Salvador: ALBA, 2011.

SILVA, M. A. da. Milton Santos: A trajetória de um mestre. **Scripta Nova. Revisa Eletrônica de geografia ciencias sociales**, v. VI, n. 124, 2002. Disponível em: [www.ub.edu/geocrit/sn/sn-124.htm](http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-124.htm). Acesso em: 02 mar. 2021.

SILVA, M. A. da; ANTUNES, W. (org.). **Milton Santos: Correspondente do Jornal da Tarde 1950-1960**. Florianópolis: IIR/GCN/CFH/UFSC, 2019.

SILVA, M. A. da; SILVA, F. S. da. Uma leitura de Milton Santos (1948-1964). **Revista Geosul**, v. 19, n. 37, p. 157-189, 2004.

SILVA, P. C. Milton Santos. São Paulo, 24 de Junho de 2001. **Revista de Estudos Universitários**, v. 27, n. 2, 2001.

SILVEIRA, M. L. Entrevista com a professora Maria Laura Silveira. **Revista Discente Expressões Geográficas**, n. 4, p. 1-15, 2008. Disponível em: <http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed04/entrevista.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, M. A. A. Introdução. In: SANTOS, M. **Mariane em preto e branco**. 2. ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.

SOUZA, M. A. A. O Mundo do cidadão. Um cidadão do Mundo, São Paulo:Hucitec, 1996

VESENTINI, J. W. **O que é geografia crítica**. [s.d.]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070306092009/http://www.geocritica.com.br/Arquivos%20ZIP/geoBrasil.zip>. Acesso em: 22 dez. 2020.

WU, R. Heidegger e o neokantismo de Windelband e Rickert. **Revista Estudos Filosóficos**, n. 5, p. 174-186, 2010. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>. Acesso em: 02 mar. 2021.

### **Obras de Milton Santos**

A cidade como centro de região: definições e métodos de avaliação da centralidade. Salvador: Universidade da Bahia, 1959a.

A cidade nos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A, 1965.

A natureza do espaço. São Paulo: HUCITEC,1996.

A rede urbana do Recôncavo. Salvador: Imprensa Ofi-

cial da Bahia, 1959.

A urbanização brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1993.

A urbanização desigual. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

Aspects de la géographie et de l'économie urbaine des pays sous-développés, 2 fasc. Paris: Centre de Documentation Universitaire, 1969.

Brasil: Território e Sociedade no Início do século 21. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Croissance démographique et consommation alimentaire dans les pays sous développés. Paris: Centre de Documentation Universitaire, 1967.

De la totalidad al lugar. Barcelona: Oikos-Tau, 1996.

Dix essais sur les villes des pays sous-développés. Paris: Ed. Ophrys, 1970.

Economia espacial: críticas e alternativas. São Paulo: HUCITEC, 1978.

Ensaio sobre a urbanização latino-americana. São Paulo: HUCITEC, 1982.

Espace et méthode. Paris: Publisud, 1990.

Espacio y método. Barcelona: Oikos-tau, 1986.

Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

Espaço e sociedade: Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

Estudos de geografia da Bahia. Salvador: Livraria Pro-

gresso Ed., 1958.

Estudos sobre geografia. Salvador: Tipografia Manú, 1953.

Fim de século e globalização. São Paulo: HUCITEC-Anpur, 1997.

Geografía y economía urbanas en los países subdesarrollados. Barcelona: Ed. Oikos-Tau, 1973.

L' espace partagé. Paris: Editions Librairies Techniques, 1975.

Le métier du géographe en pays sous-développés. Paris: Ed. Ophrys, 1971.

Les villes du Tiers Monde. Paris: Ed. Génin, Librairies Techniques, Géographie Economique et Sociale, 1971.

Localização industrial. Revista Brasileira de Geografia, ano XX, n. 3, p. 245-276, jul./set. 1958.

Manual de geografia urbana. São Paulo: HUCITEC, 1981.

Marianne em preto e branco. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1960.

Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: HUCITEC, 1988.

Metamorfosis del espacio habitado. Barcelona: Oikos-Tau, 1996.

Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1990.



Novos rumos da geografia brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1988.

O centro da cidade do Salvador: estudo de geografia urbana. Salvador: Universidade da Bahia, Livraria Progresso Editora, 1959.

O espaço dividido. Rio de Janeiro: Livraria Editora Francisco Alves, 1978.

O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.

O povoamento da Bahia: suas causas econômicas. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1948.

O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo. São Paulo: HUCITEC, AGB, 1978.

Os estudos regionais e o futuro da geografia. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1953.

Pensando o espaço do homem. São Paulo: HUCITEC, 1982.

Pobreza urbana. Coleção Estudos Urbanos. São Paulo: HUCITEC-UFPE, 1978.

Por uma economia política da cidade. São Paulo: HUCITEC, 1994.

Por uma geografia nova. São Paulo: HUCITEC, 1978

Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Por una geografía nueva. Madrid: Espasa Calpe, 1990.

Pour une géographie nouvelle. Paris: Editions Publi-sud, Paris, 1985.

Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: HUCITEC, 1994.

Território e sociedade. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

The shared space: the two circuits of the urban economy and its spatial repercussions. Londres: Methuen, 1979.

Underdevelopment and poverty: a geographer's view, the Latin American in residence lectures. Toronto: University of Toronto, 1975.

Zona do cacau, introdução ao estudo geográfico. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1955.

Artigos publicados no jornal A Tarde

Em defesa da Bahia. A Tarde. Salvador. 29/10/1949.

Tentativa de delimitação da região cacaeira da Bahia. A Tarde. Salvador. 02/03/1950.

Geografia da Bahia. A Tarde. Salvador. 24/03/1950.

Geografia de hoje. A Tarde. Salvador. 21/07/1950.

O ensino da geografia de hoje. A Tarde. Salvador. 16/11/1950.

Na região cacaeira. A Tarde. Salvador. 09/01/1951.

Um professor baiano na assembleia dos geógrafos brasileiros. A Tarde. Salvador. 22/02/1951.

A colonização do São Francisco. A Tarde. Salvador. 02/05/1951.

Panorama do São Francisco Baiano. A Tarde. Salvador. 15/06/1951.

A Geografia e os municípios. A Tarde. Salvador. 22/06/1951.

O povoamento do sul. A Tarde. Salvador. 28/06/1951.

Os fatores econômicos. A Tarde. Salvador. 11/01/1952.p. 3.

Bandeirantes e povoadores. A Tarde. Salvador. 08/02/1952b.p. 3

Regionalização para fins de planejamento. A Tarde. Salvador. 15/05/1952c.p.3.

Fatos de população da zona cacauzeira. A Tarde. Salvador. 28/06/1952d.p.9.

Uma aparente contradição. A Tarde. Salvador. 13/09/1952e.p.3.

O que é e o que não é geográfico. A Tarde. Salvador. 13/02/1953d.

A originalidade da geografia. A Tarde. Salvador. 09/03/1953c.

Policultura na zona do cacau. A Tarde. Salvador. 11/08/1953e.

Habitat rural na zona do cacau. A Tarde. Salvador. 27/06/1953f.

Fatos de transporte na vida baiana. A Tarde. Salvador. 17/01/1953g. p.3

O assassínio do Brasil. A Tarde. Salvador. 24/02/1953h.

Alimentação na zona cacauzeira. A Tarde. Salvador. 17/03/1953i.

O fracasso do Brasil. A Tarde. Salvador. 17/04/1953j.

A antiga capital do cacau. A Tarde. Salvador. 02/05/1953l.

O medo do gato escaldado. A Tarde. Salvador. 08/05/1953m.

A região de Alagoinhas. A Tarde. Salvador. 03/06/1953n.

Um plano de energia para a Bahia. A Tarde. Salvador. 01/09/1953o.

Ainda o destino de Ilhéus. A Tarde. Salvador. 01/10/1953p.

O comum e o complexo em geografia. A Tarde. Salvador. 11/01/1953q.

Habitat urbano na zona do cacau: posição e problema. A Tarde. Salvador. 18/02/1954b.

O Papa e o professorado. A Tarde. Salvador. 11/01/1954c.

Américo Simas, o planejador. A Tarde. Salvador. 21/01/1954d.

As chuvas artificiais. A Tarde. Salvador. 15/04/1954e.p.3.

A geografia “fácil”. A Tarde. Salvador. 29/04/1954f.p.3.

Os vencimentos do professorado. A Tarde. Salvador. 10/05/1954g.

Acha injustiça a rejeição da sua inscrição. A Tarde. Salvador. 11/05/1954.

O itinerário das águas belas. A Tarde. Salvador. 01/06/1954h.

Definição popular de lusotropicalismo. A Tarde. Salvador. 10/06/1954i.

O dia da gratidão. A Tarde. Salvador. 12/06/1954.

A forma do território baiano: causas econômicas e humanas A Tarde. Salvador. 22/06/1954j.

O aniversário de Ilhéus. A Tarde. Salvador. 28/06/1954l.

A forma do território baiano: causas políticas A Tarde. Salvador. 24/07/1954.

O secretário e a geografia. A Tarde. Salvador. 01/09/1954m. p.3

Comentário a 2 mapas da zona cacauera. A Tarde. Salvador. 22/10/1954n. p.3

Fazendas de cacau na Bahia. A Tarde. Salvador. 06/11/1954o.

Zona do cacau. Introdução ao estudo geográfico. Salvador. Artes Gráficas. 1955a.

Assassinato de uma cidade. A Tarde. Salvador. 18/03/1955b.

Por que tanto francês? A Tarde. Salvador. 30/04/1955c.  
p.3.

Teses de concurso. A Tarde. Salvador. 09/07/1955d.p.3.

A salvação dos rios. A Tarde. Salvador. 21/07/1955e.p.3.

Regularização do clima. A Tarde. Salvador.  
19/08/1955f.p.3.

História e geografia. A Tarde. Salvador. 01/10/1955.

As estradas correm para o Sul. A Tarde. Salvador.  
13/10/1955g.p.3.

Despoeira-se o Recôncavo. A Tarde. Salvador.  
26/10/1955h.p.3.

Zonas de influência comercial do Estado da Bahia. Sal-  
vador: Diretório Regional de Geografia n.2, 1956a.

Os climas da Bahia. A Tarde. Salvador. 03/04/1956.

Salvador, cidade absorvente. A Tarde. Salvador.  
08/05/1956b.p.3.

Alto lá! A Tarde. Salvador. 12/06/1956.

Dois assuntos e um terceiro. A Tarde. Salvador.  
01/08/1956c.

Divisão regional na zona do cacau. A Tarde. Salvador.  
09/02/1956e.

Sul do Estado. A Tarde. Salvador. 04/04/1956

As fraquezas de Salvador. A Tarde. Salvador. 04/06/1956.

O grande erro. A Tarde. Salvador. 05/06/1956f.p.4.

Assunto para discurso. A Tarde. Salvador. 20/06/1956g.p.4.

Indústrias na zona cacaeira. A Tarde. Salvador. 26/06/1956h.p.4.

Uma grave denúncia. A Tarde. Salvador. 05/07/1956i.p.4.

População, economia e emprego. A Tarde. Salvador. 09/07/1956.

Questão de fígado... A Tarde. Salvador. 23/07/1956j.p.4.

Tema para estudo. A Tarde. Salvador. 10/08/1956.

As cidades e vilas do cacau. A Tarde. Salvador. 22/08/1956.

Cacau e amendoim. A Tarde. Salvador. 29/09/1956l.p.4.

O interesse do cacau. A Tarde. Salvador. 27/10/1956m.  
p.4.

O pirão e a carne. A Tarde. Salvador. 24/11/1956n.p.4.

O cacau e a Bahia. A Tarde. Salvador. 09/08/1957b.

Os transportes no Brasil. A Tarde. Salvador. 14/01/1957c.

Itagí, cidade que surge. A Tarde. Salvador. 30/01/1957.

Um escorego de engenheiro Vasco Neto. A Tarde. Salvador. 22/04/1957d.

A população da Bahia I. A Tarde. Salvador. 20/10/1957.

A população da Bahia II. A Tarde. Salvador. 21/10/1957.

Problemas de Ilhéus (especial para o Diário da Tarde)  
1957.

O grande desconhecido. A Tarde. Salvador. 12/03/1958.

Devemos transferir a capital da Bahia? A Tarde. Salva-  
dor. 03/09/1958c.

Em pleno Sudão. A Tarde. Salvador. 24/07/1958d.

Dakar. A Tarde. Salvador. 15/07/1958e.

Cacau, lá e cá. A Tarde. Salvador. 29/07/1958f.

Uma definição da cidade do Salvador. A Tarde. Salva-  
dor. 12/08/1958.

Ipiaú, cidade do cacau. A Tarde. Salvador. 17/12/1958.

Um assunto em debate: Maraú elemento de perturba-  
ção. A Tarde. Salvador. 22/12/1958.

As franjas do deserto. A Tarde. Salvador. 01/08/1958g.

Artigo do dia. A Tarde. Salvador. 02/04/1958h.

Retalhos da França. A Tarde. Salvador. 03/04/1958i.

Mestre Simões Filho (Strasbourg). A Tarde. Salvador.  
16/01/1958j.p.4.

A universidade – “habeas corpus” preventivo. A Tarde.  
Salvador. 03/02/1958.

A opinião pública. A Tarde. Salvador. 25/02/1958n.



Velhos problemas, novos remédios. A Tarde. Salvador. 23/03/1958.

Política e administração. A Tarde. Salvador .14/04/1958o.p.4.

Política e administração. A Tarde. Salvador .16/04/1958.

A nova geografia. A Tarde. Salvador. 19/04/1958p.

Artigo do dia. A Tarde. Salvador. 02/05/1958q.

Primavera em Paris. A Tarde. Salvador. 05/07/1958r.

O perigo doméstico. A Tarde. Salvador. 09/07/1958s.p.4.

Lisboa. A Tarde. Salvador. 19/07/1958u.

“Paisagem das secas”. A Tarde. Salvador. 08/11/1958

A propósito dos eleitores. A Tarde. Salvador. 29/10/1958.p.4.

O preço das guerras. A Tarde. Salvador. 05/11/1958.

Bibliografias. A Tarde. Salvador. 13/11/1958.

Geografia do trânsito. A Tarde. Salvador. 29/11/1958.

Vale a pena crescer. A Tarde. Salvador. 16/12/1958.

A geografia fácil. A Tarde. Salvador. 29/04/1959f.

Fazendeiros do asfalto. A Tarde. Salvador. 07/01/1959g.

Salvador e o deserto. A Tarde. Salvador. 16/09/1959.

Sertão em fogo I. A Tarde. Salvador. 24/11/1959.

Sertão em fogo II. A Tarde. Salvador. 25/11/1959.

Sertão em fogo III. A Tarde. Salvador. 26/11/1959.

Sertão em fogo IV. A Tarde. Salvador. 27/11/1959.

Sertão em fogo V. A Tarde. Salvador. 30/11/1959.

População problema grave e esquecido. A Tarde. Salvador. 04/01/1960.

Zonas deprimidas e zonas pioneiras. A Tarde. Salvador. 06/03/1960.

Visita a uma revolução. A Tarde. Salvador. 20/04/1960f.  
QUAL É O CERTO?

Visita a uma revolução. A Tarde. Salvador. 30/04/1960.

Dois coelhos, duas cajadadas. A Tarde. Salvador. 09/04/1960g.

Cuba de Fidel: a revolução continua. A Tarde. Salvador. 14/04/1960h.

Contra revolução. A Tarde. Salvador. 16/04/1960i.  
(aparece como Contra-revolucionários no livro)

Posição da igreja. A Tarde. Salvador. 18/04/1960j.

Lições de idealismo. A Tarde. Salvador. 19/04/1960l.

Os fundamentos históricos e econômicos. A Tarde. Salvador. 13/04/1960m.

Os jornais. A Tarde. Salvador. 20/04/1960n.

Antecedentes da reforma agrária. A Tarde. Salvador. 23/04/1960.p.5.

Dividindo as terras. A Tarde. Salvador. 24/04/1960p.p.5.

Os objetivos da reforma. A Tarde. Salvador. 26/04/1960q.

A reforma urbana. A Tarde. Salvador. 28/04/1960r.

Cuba e os EUA. A Tarde. Salvador. 20/04/1960s.

Brasil não tem planos para instalação de refinarias. A Tarde. Salvador. 1960.

discurso que não fiz. A Tarde. Salvador. 01/12/1961b.p.5.

Liderança vazia. A Tarde. Salvador. 19/12/1961c.

A unidade africana. A Tarde. Salvador. 08/02/1962d.

A aliança do cacau. A Tarde. Salvador. 22/02/1962e.

As portas do futuro. A Tarde. Salvador. 24/02/1962f.

Cartão postal. A Tarde. Salvador. 27/02/1962g.

Nossos irmãos africanos. A Tarde. Salvador. 12/03/1962h.

Política e políticos. A Tarde. Salvador. 26/03/1962i.

A força da educação. A Tarde. Salvador. 29/03/1962.

A força da universidade. A Tarde. Salvador. 21/04/1962.

África vista por um negro americano. A Tarde. Salvador. 24/04/1962.

E assim se passaram 20 anos

O Brasil na África. A Tarde. Salvador. 21/05/1962.

Problemas da aliança. A Tarde. Salvador. 30/06/1962.

Campanha promissora... A Tarde. Salvador. 11/08/1962.

Bahia – Problemas de crescimento. A Tarde. Salvador.  
18 e 19/08/1962.

Com Petrobrás e outros. A Tarde. Salvador. 19/09/1962.

Pesquisa social indigente. A Tarde. Salvador.  
08/10/1962.

Conversa com Bourguiba. A Tarde. Salvador.  
27/10/1962.

Depois da eleição. A Tarde. Salvador. 10/11/1962.

Cidades brancas. A Tarde. Salvador. 24/11/1962.

Uma ilha de arcaísmo. A Tarde. Salvador. 01/03/1963.

Assembleia de geógrafos estudará sudoeste baiano. A  
Tarde. Salvador. 19/04/1963.

Os subúrbios de Salvador. A Tarde. Salvador.  
20/04/1963.

Precisamos repensar a Bahia. A Tarde. Salvador.  
08/05/1963.

A formação técnica e intelectual do geógrafo. A Tarde.  
Salvador. 31/07/1963.

Os outros recôncavos. A Tarde. Salvador. 30/11/1963 e  
01/12/1963.

O ritmo da nossa mudança. A Tarde. Salvador sem  
data.

Este livro foi impresso  
em papel pólen soft 80g  
e capa em papel cartão 250g.  
Impresso pela Renovagraf, em São Paulo/SP.

Tipografia: PT Sans

Feito em São Roque/SP.

GEO  
TOTEM  
TOTAL  
GEO  
TABU  
TOTAL  
GEO  
GEOGRAVIÚVA  
DO ESPAÇO

1°

.

3°

mu(n)dos  
POSSÍVEL  
GEO grafia

MUNDO EM  
TODOS OS LUGARES [EM] MUITOS TEMPOS

TÉCNICA - HIGHTEC  
TOCA  
KODACKS  
COTIDIANAS-COTAS  
MANCHAS FAIXAS  
PONTOS  
SISTEMAS  
AÇÕES-OBJETOS  
AÇÕES-DISCURSO  
OBJETOS-DISCURSO

(IN) SISTEMA  
TEMA

PÓ  
P[R]ÓS  
PÓSS  
POSSÍVEL

[A] gentes-PESSOAS  
PER-SONAS

70MIL TONSANTOS

de todas as Bahias  
MUNDO

ECO(no)SISTEMA SOCIAL



ISBN 978-658739726-9



9

786587

397269